

Arquivos de Zoologia

Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo

Volume 42(3):133-159, 2011

www.mz.usp.br/publicacoes
http://portal.revistasusp.sibi.usp.br

ISSN impresso: 0066-7870
ISSN on-line: 2176-7793

AS “ADNOTATIONES” DO JESUÍTA JOHANN BREUER SOBRE A HISTÓRIA NATURAL DA MISSÃO DE IBIAPABA, CEARÁ (1789)

NELSON PAPAVERO¹

DANTE MARTINS TEIXEIRA²

ABNER CHIQUIERI³

ABSTRACT

*Born on 15 June 1718 in Cologne, Germany, Johann Breuer entered the Society of Jesus in 1713, being sent in 1741 as a missionary to Northeastern Brazil. Up to the year 1745 he accompanied Faber Gabriele Malagrida, S.J., during his preaching trips through Pernambuco and Paraíba and remained for some time in Rio de Janeiro in 1743. Most of his activities, however, were performed at the Mission of Ibiabapa, Ceará. In 1757, following the expulsion of the jesuits, Father Breuer was deported to Portugal, where he was made a prisoner until 17 January 1777, then returning to his native city, where he died on 13 August 1789. In that same year Christoph Gottlieb von Murr published Breuer's Adnotationes, a series of observations allusive to the texts of the Jesuits Franz Xavier Veigl and Anselm Eckart. In addition to constitute a rare testimony about the fauna of Northeastern Brazil in the 18th century, Breuer's comments call attention by mentioning some early attempts to control the leaf-cutting ants (*Atta* spp.) and by including one of the first known references to the use of tools by Brazilian monkeys, his report probably referring to a species of *Cebus* (Primates, Cebidae).*

KEY-WORDS: Johann Breuer; Christoph Gottlieb von Murr; Jesuits; Ceará; Natural History; Naturalists; 18th century; History of Zoology; Primates; Cebidae; *Cebus* using Tool; Leaf-cutting Ants; *Atta* sp.; Hymenoptera; Formicidae.

INTRODUÇÃO

Nascido a 25 de junho de 1718 em Colônia, Alemanha, Johann Breuer ingressou na Companhia de Jesus em 1737, sendo enviado como missionário ao nordeste do Brasil no ano de 1741. Até 1745 acompanhou as pregações do Padre Gabriele Malagrida em

Pernambuco e na Paraíba, além de permanecer certo tempo no Rio de Janeiro em 1743. Grande parte de suas atividades, entretanto, teriam lugar na Missão de Ibiabapa, Ceará.

Decretada pelo Marquês de Pombal, a expulsão dos jesuítas de Portugal e suas colônias surpreenderia o Padre Breuer atuando como professor de

1. Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo. Caixa Postal 42.494, 04218-970, São Paulo, SP, Brasil. Bolsista de Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

2. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Quinta da Boa Vista, s/nº, 20940-040, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Bolsista de Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

3. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil. Endereço eletrônico: chiquier@terra.com.br

matemática e ciências no Colégio da Companhia em Salvador, Bahia. Deportado para Portugal em 1757, foi aprisionado nos cárceres do Azeitão, passando para a Torre de São Julião da Barra em 1769. Libertado em 17 de março de 1777, voltou para sua cidade natal, onde faleceu em 13 de agosto de 1789 (Fernández Arrillaga & García Arena, 2009:251; Huonder, 1899; Leite, 1945:73; Studart, 1892).

Após a dissolução da Companhia de Jesus, os jesuítas encontraram valente defensor no intelectual Christoph Gottlieb von Murr de Nuremberg (1733-1811). Homem de múltiplos interesses e ímpar cultura, o primeiro contato de Murr com a Sociedade de Jesus veio em 1756 com a permissão de consultar a biblioteca existente em Estrasburgo, palco de uma viagem de pesquisa efetuada pelo acadêmico alemão. Apesar de protestante, Murr mostraria crescente admiração pela Sociedade a partir desse momento, tornando-se um verdadeiro apologista da Ordem, então sob forte ataque desde várias frentes (Nebgen, 2004).

Além de trazer à luz muitos escritos jesuíticos no periódico intitulado *Journal zur Kunstgeschichte und zur allgemeinen Litteratur*, Christoph von Murr publicaria, no ano de 1785, o livro *Reisen einiger Missionarien der Gesellschaft Jesu in Amerika* reunindo diversos autores (Murr, 1785). Dispostas nas páginas 1 a 324 estavam as *Gründliche Nachrichten über die Verfassung der Lanschaft von Maynas in Süd-Amerika, bis zum Jahre 1768*, do jesuíta Franz Xavier Veigl¹ – um ensaio sobre a natureza e habitantes da atual Província de Loreto, Peru² – enquanto que as páginas 451 a 596 eram ocupadas pelos *Zusätze zu Pedro Cudenás Beschreibung der Länder von Brasilien. Und zu herrn Rectors Christian Leiste Anmerkungen im sechsten Lessingischen Beyträge zur Geschichte und Litteratur* do jesuíta Anselm Eckart – um ensaio similar sobre as terras do Brasil³.

Anos mais tarde, os trabalhos de Franz Veigl e Anselm Eckart seriam lidos pelo Padre Johann Breuer, que teceu algumas poucas notas sobre determinados tópicos referentes sobretudo ao texto de Veigl, observações estas por vezes apenas muito vagamente alinhadas ao conteúdo dos escritos originais. Por seu turno,

essas “*Adnotationes*” de Breuer também acabariam por ter às mãos de Murr, sendo publicadas em 1789 no seu *Journal zur Kunstgeschichte und zur allgemeinen Litteratur* (Murr, 1789)⁴.

Exceto pela breve citação de Nogueira (1887:220), os comentários de Breuer parecem ter passado completamente despercebidos da maioria dos interessados nas Ciências Naturais. Considerando os poucos textos oitocentistas referentes à Zoologia brasileira conhecidos até o momento, parece pertinente trazer à luz uma transcrição devidamente comentada e uma versão diplomática desse relato (Anexo 1), o qual se mostra relevante tanto sobre aspectos zoológicos quanto lexicográficos. Da mesma forma, vale lembrar que as “*Adnotationes*” do Padre Breuer constituem um dos raros testemunhos disponíveis sobre a fauna nordestina datados do século XVIII, secundando os trabalhos de naturalistas como Manuel Arruda da Câmara (1752-1810) e João da Silva Feijó (1760-1824) (vide Feijó, 1814a, 1814b; Mello, 1982; Nobre, 1978; Paiva, 1991).

Tradução das “*Adnotationes*” do Padre Johann Breuer (1789)

À pág. 24. “*Bejúco*”: no Brasil chama-se *cipó*. Vi alguns vimes tão grossos quanto um braço humano comum.

Pág. 64. A madeira dessa árvore (chamada no Brasil “*nhanypába*”⁵, assim como seu fruto), quando se tira a casca, é sólida e muito branca. Seu fruto quase iguala em tamanho as nossas maçãs ordinárias, mas a forma é mais oblonga. Cortado em rodela salpicadas com açúcar e deixadas à noite ao ar livre, adquire um sabor agradável com um misto de acidez, como de pimenta, para ser comido na manhã seguinte. Diz-se que fortifica o estômago. Dele também se extrai uma aguardente fortíssima⁶. No primeiro dia em que os índios

1 Franz Xavier Veigl (ou Veigler) nasceu em Graz, Áustria, no dia 1º de dezembro de 1723. Ingressaria na Companhia de Jesus em Viena durante 1738, sendo por vários anos professor no colégio dos jesuítas dessa cidade. Foi enviado como missionário para a Missão de Maynas em 1753 e ali permaneceu até 1777, data de expulsão dos jesuítas das possessões espanholas na América do Sul. Após seu retorno à Áustria, estabeleceu-se como professor em Judenburg, Estíria. Morreu em Klagenfurt, Caríntia, em 19 de abril de 1798 (Huonder, 1899:128).

2 Anos mais tarde, uma versão latina do texto de Veigl seria publicada no *Journal zur Kunstgeschichte und zur allgemeinen Litteratur* editado por Christoph von Murr (Veigl, 1788, 1789).

3 Vide Lessing (1781) e Papaverio et al. (2011).

4 Durante sua passagem pelo cárcere da Torre de São Julião da Barra (1769), Johann Breuer escreveu um “*Lexicon graecolatinum constans vocabulis quae in S. Biblis Nov. Test., in libelo Thomae Kempensis... reperiuntur, collecta studio P.J.B. e Soc. Jesu in carceribus arcis S. Juliani ad ostia Tāgi, anno sal. hum. 1773*”, cujo manuscrito estava em poder dos jesuítas de Pressburg. Existiriam ainda dois outros originais do Padre Breuer na coleção denominada como “*Annotationes rerum quarundam, quae Religiosis S.J. contigerunt in Brasilia et Lusitania ab a. 1758 ad a. 1777*”, Arch. Prov. Germ. (bis) ser. VII, fasc. A 4 e C 18 (Huonder, 1899:156).

5 Mencionada em ambas versões do texto de Veigl (in Murr, 1785:64; Veigl, 1789:142-143). Trata-se do jenipapo, *Genipa americana* (Rubiaceae).

6 No original “*vinum crematum*” (literalmente “vinho queimado”), termo equivalente ao holandês “brandewijn”, de onde proveio a palavra inglesa “brandy”. Traduzimo-la como “aguardente”.

se tingem com esse suco, sua cor parece ser cinzenta e aqueles que apenas o tocam, ainda que de leve, ficam com a mão [colorida] facilmente. No outro dia [a cor] torna-se muito escura – sobretudo se um pouco de carvão triturado for misturado a esse suco – e já não adere à mão nos que [nele] tocam. Depois de 15 ou mais dias, essa cor negra começa a desaparecer, deixando o rosto [dos índios] com uma aparência tão pálida – sobretudo se aplicaram esse suco nele todo – como se estivessem convalescendo de uma doença duradoura e grave. Li, não sei se na *Crônica do Brasil* do Padre Simão de Vasconcelos⁷, que a escrita lavrada com esse suco desaparece completamente em um espaço de tempo. Escrevi algumas coisas para fazer a experiência e coloquei-as cuidadosamente à parte. Algumas vezes, ou melhor, examinando-as depois de quatro se não mais anos, recuperei-as ainda tão íntegras como se tivessem sido escritas naquele momento.

Pág. 65. “Chambu”, [em] *brasileiro*: *urucu*⁸.

Pág. 146. “Maiz”, [em] *brasileiro*: “abati”⁹.

Pág. 149. Existem muitas espécies de *mandioca*, [porém] não me lembro mais do nome delas¹⁰. Algumas mais cedo e outras mais tarde chegam à perfeição ou, como direi, amadurecem. Na missão de *Ibiapaba* são necessários quase dois anos entre a plantação e a colheita. Em alguns lugares 15 meses, em outros 12 e em outros ainda nove, sem dúvida em função da condição da terra e da espécie. Apesar disso, os índios, imprevidentes e sempre famélicos, arrancam da terra, em qualquer tempo, essa raiz ainda muito mirrada por causa da necessidade, levando ao desperdício do trabalho gasto para plantar.

Pág. 165. “*Papaya*”. Para os *portugueses* mamão. O *mamoeiro* é uma árvore dúplice, [havendo] a *feminina* – que produz o fruto – e a *masculina*, que nada produz¹¹.

7 Referência à famosa “Crônica da Companhia de Jesus” do Padre Simão de Vasconcelos (Vasconcelos, 1663). Para maiores detalhes, vide Ramos (2003).

8 Trata-se do urucum, *Bixa orellana* (Bixaceae), o qual se encontra mencionado em ambas versões do texto de Veigl (*in* Murr, 1785:65; Veigl, 1789:144).

9 Trata-se do milho, *Zea mays* (Poaceae), o qual se encontra mencionado em ambas versões do texto de Veigl (*in* Murr, 1785:146; Veigl, 1789:26).

10 Designação comum a várias espécies do gênero *Manihot* (Euphorbiaceae), as quais foram mencionadas como “maniôca” ou “manjôca” conforme a versão do texto de Veigl (*in* Murr, 1785:149; Veigl, 1789:26).

11 Trata-se de *Carica papaya* (Caricaceae), o qual se encontra mencionado em ambas versões do texto de Veigl (*in* Murr, 1785:165; Veigl, 1789:41).

Pág. 179. Copaíba. Serve também para a pintura no lugar do óleo de linho¹².

Pág. 184. É encontrada no *Ceará* uma madeira sólida, duríssima e de cor negra que – enquanto é trabalhada – exala um mau cheiro como se fosse de excremento humano. Trabalhada há bastante tempo, o fedor é apenas sensível se aproximada do nariz¹³. Também emite fedor parecido um fruto chamado pelos brasileiros de *pequi*, que possui o tamanho de uma maçã comum e que [no *Ceará*] é comido cozido durante o mês de novembro¹⁴.

Pág. 201. Nunca ouvi ou vi os brasileiros serem muito gulosos por carne de macacos, [que são] chamados genericamente de “caí”¹⁵. A carne deles, com efeito, é usualmente assaz magra e – muito pelo contrário – vi [restos] dilacerados e jogados fora pelos nativos como coisa inútil. Encontra-se no Brasil uma espécie de macacos chamados *guariba*. O comprimento do corpo atinge cerca de dois palmos, [tem] rosto e pelos da cabeça negros [com] o resto do corpo amarelo¹⁶. A gritaria deles é tal que a meia hora de distância pode ser ouvida muito claramente¹⁷. Escutando pela primeira vez esse clamor, pensava que estivesse ouvindo os padres capuchinhos entoando louvores a Deus em um coro numeroso, tão perfeitamente me parecia o canto deles imitar o dos Padres¹⁸. Perguntei aos companheiros

12 Provável referência a *Copaifera langsdorffii* (Fabaceae, Caesalpinoideae), a qual se encontra mencionada como “copaíva” ou “copauva” conforme a versão do texto de Veigl (*in* Murr, 1785:179; Veigl, 1789:50).

13 Em seus textos sobre província de Loreto, Veigl (*in* Murr, 1785:184, 1789:53) menciona uma árvore (*myrno*) com cheiro de rosas. Não sabemos o motivo de o Padre Breuer ter anteposto a essa citação uma árvore com forte odor de excremento – possível referência a algum representante das Lauraceae, talvez uma espécie do gênero *Nectandra*.

14 Óbvia referência a *Caryocar brasiliense* (Caryocaraceae).

15 O padre Veigl (*in* Murr, 1785:203-208; Veigl, 1789:65-69) dedicou alguns comentários a esses mamíferos, entre os quais colocou a preguiça (Edentata).

16 Embora fosse muito variável, o “palmo” mencionado pelo autor deveria girar em torno dos 22 cm, o que perfaz cerca de 44 cm. Ainda que breve descrição não forneça elementos diagnósticos suficientes, a localidade geográfica de Ibiapaba sugere tratar-se de *Allouata belzebul* (Atelinae).

17 O hóiode dos machos desses símios apresenta-se muito desenvolvido e desempenha o papel de caixa de ressonância, facultando vocalizações capazes de serem percebidas a grande distância.

18 Segundo Nogueira (1887:293), os prolongados uivos dos guaribas “parecem uma fúnebre ladainha, o que faz com que os plantadores digam quando ouvem – ‘lá estão os guaribas resando’... [semelhante vozerio] tem impressionado todos os viajantes. Ferdinand Diniz [*i.e.* Ferdinand Denis] assevera que esses gritos se assemelham ao psalmeo dos frades, Eschege [*i.e.* Eschwege] que fazem lembrar o canto dos judeus nas synagogas”.

de caminhada o que era isso. Responderam que era somente um único guariba, o chefe dos outros, que emitia esse clamor jogando a saliva pelos dois lados da boca, a qual os [guaribas] restantes limpavam com as folhas da árvore onde estavam¹⁹. Observei que os macacos não podiam, de modo algum, ser compelidos a beber aguardente e nisso são muito diferentes dos seus conterrâneos índios. É admirável [ver] com que cuidado e sutileza abrem um ovo para, tirada uma parte da casca, sorvê-lo. Na verdade, se conseguem uma ostra e – no mesmo lugar – uma pedra ou algo parecido que encontrem, com ela batem e golpeiam insistentemente – tanto e com toda força – até que [a casca] se quebre²⁰.

Pág. 210. Anta²¹. Vi a pele de um [desses] animais recentemente abatido com uma espessura de cinco polegadas no pescoço²². Consegui outra que, preparada, igualava a espessura do couro de um terneiro²³. Comer sua carne, dizem, é útil para os que sofrem de doença venérea. Na verdade, [falamos] a fumaça produzida pelo estrume das antas [é útil] para os que são acometidos de apoplexia²⁴.

Pág. 218. Em maio de 1755, como eu – ocupado com um português – contasse que em meu caminho, quase diariamente, percebesse vestígios de um animal arrebatado por um tigre²⁵, disse-me ele,

despreocupado, que era coisa ordinária e muito frequente pois, naquele ano, ele mesmo havia abatido cerca de 180 tigres – em parte maiores, em parte menores. Em julho, passando de novo por lá, encontrei despojos de tigres mortos dois ou três dias antes pelo mesmo homem, quantidade que causou, segundo entendendo, estupor aos índios. O comprimento da pele do pescoço à base da cauda era de 22 dos meus palmos médios.

Pág. 223. “*Gallinazo*”, *urubu* do Brasil²⁶. Ave extremamente repugnante. Sua rainha – que é raríssima – é chamada *urubutinga*. Porque é branca, dizem que os outros devem esperá-la enquanto come, antes deles, do animal morto²⁷. Espreitam as novilhas no assim chamado estábulo – [onde] estão cercadas por toda parte, [mas] com passagem para o ar – às quais arrancam os olhos. Para que tal não aconteça, são afugentados pelos cães de guarda treinados para esse fim que dormem fora para cuidar do rebanho. Se alguém no campo – por assim dizer – esvazia a barriga, acercam-se esperando impacientemente a passagem do homem para aproveitar o “ganho” recém deixado.

Pág. 228. Os brasileiros chamam esses ninhos suspensos²⁸ [de] “*iurupari keçaba*”, isto é, *rede do diabo*²⁹.

19 Bem conhecida até os dias de hoje, essa fábula parece basear-se no fato de os guaribas viverem em bandos guiados por um macho dominante – designado como “capelão” pelo vulgo – que vocaliza bastante em defesa do território de seu grupo.

20 Como os guaribas se alimentam essencialmente de frutos e outras matérias vegetais, parece claro que essas últimas linhas devem referir-se ao já mencionado “caí”, provavelmente um representante do gênero *Cebus* (Cebidae).

21 Mencionada em ambas versões do texto de Veigl (*in* Murr, 1785:210; Veigl, 1789:70).

22 Considerando que a polegada girava em torno dos 2,5 cm, a espessura mencionada atingiria surpreendentes 12,5 cm.

23 Já no século XVI, Jean de Lery falava dos escudos redondos confeccionados pelos indígenas com peles secas de anta, artefatos “rijos ao ponto de não haver flecha capaz de trespassá-los” (Léry, 1578). Por volta de 1750, outros jesuítas como o Padre Antônio Moreira mencionariam que o couro desse mamífero, quando bem curtido, seria “bem celebrado em todo mundo” para os “vestidos para guerra”, os quais não deixariam passar “bala ou ferro penetrante” (*in* Papavero & Teixeira, 2011). O Padre Breuer, contudo, busca estabelecer o paradoxo dessa pele tão grossa, após o devido tratamento, igualar aquela dos terneiros (“*aliam habui cujusdam ex utero materno exsecti*” no original), matéria prima dos mais finos velinos.

24 As fabulosas propriedades medicinais de partes do corpo desse quadrúpede também seriam celebradas por diversos autores, inclusive outros jesuítas do século XVIII como os padres João Daniel (Daniel, 1976) e Antônio Moreira (*in* Papavero & Teixeira, 2011).

25 Mencionado em ambas versões do texto de Veigl (*in* Murr, 1785:217-222; Veigl, 1789:76-79).

26 Mencionado como “*gallinazo*” em ambas versões do texto de Veigl (*in* Murr, 1785:223; Veigl, 1789:80).

27 Além de utilizar a hierarquia da sociedade colonial para justificar essa fictícia primazia, o Padre Breuer menciona essa rapineira como uma “rainha”, atribuição curiosa muito destoante de outros autores do século XVIII, inclusive religiosos como o jesuíta Antônio Moreira (*in* Papavero & Teixeira, 2011) e Dom Lourenço Álvares Roxo de Potflis, chantre da catedral de Belém (Teixeira *et al.*, 2010).

28 Trata-se de comentário a um trecho no qual Veigl (*in* Murr, 1785:228-229; Veigl, 1789:84) Declara: “*Caeterum universim falsum est, quod quidam rerum Indicarum scriptores tradunt de psittacis, eos nidos in extimis altorum arborum ramusculis, nido inde silvestribus e funiculis (bejuco) suspenso, natura iis id consilium inspirante contra simiorum, serpentum, et aliorum hostium insidias. Psittacos nidificare in cavis arborum, antris (ut de *Quaquamais* dictum) Indorum traditio est, nidos vero illos pensiles, quorum uma eademque in arbore multas centurias multoties ipse vidi, esse tum quarundam ciconiarum, tum alterius avis: *Upa piscu* dictae, merula paulo majoris, nigro et flavo coloribus alternantibus pictae”)*

descreve que esses ninhos em forma de bolsa suspensos na ramaria e cipós pertenceriam aos japins e não – conforme pretendiam alguns – a papagaios e afins, pois essas aves eram conhecidas por aninhar nos ocos das árvores. Vide nota seguinte.

29 A designação “*iurupari-keçaba*” (literalmente “rede do jurupari”) conferida ao ninho suspenso do japim não apresenta paralelo na literatura. Montoya (1639) limita-se a designar como “*yápu-raiti*” os “ninhos que pendem das árvores dos pássaros que chamam japú”.

Pág. 231. Essas perdizes, “*joëi*” para os brasileiros³⁰, [passam] a maior parte do tempo escondidas sob a relva e apavoram o cavalo que delas se aproxime com um voo súbito, no mais das vezes causando forte queda. Eu observei um índio que – tendo avistado uma perdiz assim – foi três vezes ao lugar em que ela se escondia – no começo mais afastado, mas sempre chegando mais perto – até que a matou com uma pancada de bastão. A razão disso é que essa perdiz sempre olha para frente o que se move. Além disso não se mexe do lugar, de forma que é quase possível agarrá-la com as mãos³¹.

Pág. 239. *Cascavel*. Para os brasileiros “*boitininga*”, isto é, “serpente seca”³². É bastante mansa, não morde a não ser que a toquem e não dá bote como algumas outras. Ao contrário, é motivo de diversão, erguida pelo peito e agitando seu guizo, movi a cabeça dela para lá e para cá com o meu bastão. Seu veneno é extremamente mortífero, tirando a vida em duas ou três horas e até antes, principalmente na lua nova, na lua cheia ou se estiver desejando copular. Notei que os cadáveres dos que morrem com a mordida de serpente fedem antes e muito mais que os outros. Admirável qualidade do veneno de serpente! Geralmente é preciso tomar muito cuidado com serpentes feridas pois, até que se curem completamente, as mulheres não devem se aproximar delas, sobretudo se estiverem grávidas ou menstruadas. Nesse caso, com efeito, o veneno adquire máxima plenitude e traz extremo perigo à vida. Os guizos que a *boitininga* têm não nascem nas costas, mas ficam no extremo da sua cauda. Não sei com que fundamento o povo diz que eles aumentam para qualquer lado um artículo por ano³³. Na ver-

dade quem é a testemunha ocular desse fato? Várias [serpentes] que vi tinham, no mínimo, de 5 a 6 ou mais palmos de comprimento³⁴. Conheci uma índia que, esbarrando no caminho com uma cabeça dessa serpente arrancada do corpo há já não sei quanto tempo, [foi picada] enquanto a afastava com os dedos dos pés – como é costume dos índios para não serem obrigados a se inclinar – e morreu por causa da mordida que levou, o que foi curioso. Vi também uma serpente de duas cabeças. Se não fiquei surpreso pelo que me mostraram, por assim dizer, assim fiquei não porque tivesse duas cabeças, mas porque se diz que ela morde com ambas as extremidades. Tinha aproximadamente um palmo e meio de comprimento, uma boa polegada de grossura³⁵ e não diferia na cor e aspecto das nossas minhocas.

Pág. 240. No Brasil encontra-se outra serpente aquática, chamada *jiboia*³⁶, [que atinge] mais de 20 palmos de comprimento³⁷ e deglute – pouco a pouco – um boi inteiro. A maneira de escapar do seu enlaçe é cortando-lhe o corpo com um facão.

Pág. 243. “*Comején*”, para os brasileiros *cupim*³⁸ e para os africanos “*salalé*”³⁹: sua delicada iguaria é o caule do abeto, que é proveniente da Europa.

Pág. 244. “*Cucuracha*”, para os brasileiros “*arabé*”⁴⁰. Animal fétido, solta um líquido preto, impregna tudo em que vomita repetidamente. Consome e rói a capa de que os livros são revestidos e os livreiros salpicam pimenta com cola para se prevenirem do estrago.

Pág. 244. Para os brasileiros “*tunga*”⁴¹. Ouvi sobre *Roque Antunes*, homem da nobreza em *Pernambuco*, que

30 Veigl (*in* Murr, 1785:231, 1789:86). “*Perdices hae, Brasilis Ioëi*” no original. Como o Padre Breuer amiúde troca o “j” pelo “i”, artifício comum em textos latinos, essa estranha denominação poderia constituir mera variante de “*jaó*” ou “*juó*”, termo empregado para designar certos representantes do gênero *Crypturellus* (Tinamidae). Não obstante, a descrição fornecida parece sugerir uma espécie campestre, talvez *Rhynchotus rufescens* ou *Nothura* sp.

31 Mencionado em ambas versões do texto de Veigl (*in* Murr, 1785:231; Veigl, 1789:86), esse comportamento reflete tanto o hábito dos Tinamidae permanecerem escondidos e imóveis quanto as notórias peculiaridades apresentadas pela musculatura dessas aves, que entra rapidamente em fadiga e mostra-se incapaz de sustentar esforços prolongados.

32 Mencionada como “*cascabel*” ou “*cuscabèl*” conforme a versão do texto de Veigl (*in* Murr, 1785: p. 239; Veigl, 1789:264). Embora essa serpente de fato habite as áreas abertas e seja pouco comum na Amazônia, o palavra tupi “*boicinga*” na verdade significa “*cobra que retine*”, em alusão ao ruído característico produzido pelo chocalho existente na ponta da cauda.

33 Embora não corresponda à verdade, essa lenda continua vigente no interior do Brasil mesmo nos dias de hoje (vide Santos, 1942).

34 Portanto de 1,1 m a 1,32 m ou mais. Vide nota 17.

35 Cerca de 33 cm de comprimento e 2,5 cm de grossura. Vide notas 17 e 23.

36 Ofídio mencionado como “*yacu-mama*” ou “*yacumáma*” conforme a versão do texto de Veigl (*in* Murr, 1785:240; Veigl, 1789:95).

37 Portanto mais de 4,4 m. Vide nota 17.

38 Mencionado como “*comejèn*” em ambas versões do texto de Veigl (*in* Murr, 1785:243; Veigl, 1789:96).

39 Nome conferido aos cupins em Angola. O registro do Padre Breuer provavelmente tem origem nos escravos trazidos para o Nordeste, representando um raríssimo – senão único – caso de designação de um animal brasileiro por um termo africano no século XVIII. Segundo certos autores (*e.g.* Assis Junior, s/d: 258; Lopes, 2003:197; Nascimento, 1907:52, sob “*formiga, térmita*”) a palavra original “*sualala*” teria sido aportuguesada para “*salalé*”.

40 Mencionada como “*cucuracha*” em ambas versões do texto de Veigl (*in* Murr, 1785:244; Veigl, 1789:97).

41 Mencionado como “*nigua*” em ambas versões do texto de Veigl (*in* Murr, 1785:244; Veigl, 1789:97).

acabou morrendo lentamente por causa desse vermiculo, primeiro criando um abscesso em seu dedão, em seguida no pé e por fim na perna⁴².

Pág. 250. Entre as diversas espécies de abelhas do Brasil⁴³, parece-me mais memorável a chamada “tobi”. Embora mais escuro e mais espesso que o das outras, seu mel – no entanto – é o mais doce. Sua cera – porém – é amarela, enquanto a cera das outras é mais escura. Para expurgá-la dos resíduos, contudo, é necessária uma particularidade que pode parecer supersticiosa e [na qual] eu nunca teria acreditado se não tivesse aprendido pela experiência. Uns índios foram buscar cera para uso doméstico e da igreja, mas aconteceu de trazerem alguma quantidade dessa cera específica que – segundo o costume [local] – não foi cozida a ponto de poder expurgar a sujeira, sendo tudo rapidamente consumido. Um missionário, conversando casualmente com um tapuia sobre o que havia acontecido, perguntou se, por acaso, ele ainda tinha algum resto dessa cera crua. Após recebê-lo, prometeu devolver o [material] no dia seguinte limpo e livre de sujeira – e devolveu. Perguntado sobre o modo empregado na preparação dessa cera, respondeu que é necessário, querendo limpá-la, abster-se naquela noite, de relação conjugal e de toda necessidade natural maior ou menor. Essa é a crença entre os índios. Desse modo, aquele criado que antes não tinha conseguido separar a sujeira da cera, daí por diante expurgou-a e produziu com a cocção uma cera limpíssima.

Pág. 286⁴⁴. Também existem no Brasil mosquitos que perfuram uma roupa dupla com forro com o seu fer-

42 A julgar por documentos pertencentes ao Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa (Administração Central de Lisboa, Conselho Ultramarino [AHU_ACL_CU_015 (Capitania de Pernambuco)], *Roque Antunes Correia* foi Tenente da Fortaleza do Brum (AHU_ACL_CU_015, Cx. 37, D. 3352 (1728) e Cx. 38, D. 3457 (1729)), Tenente-Cabo do forte de Santa Cruz da Barra da Praça de Recife (AHU_ACL_CU_015, Cx. 46, D. 4106 (1734)), Escrivão da “Abertura, Despacho e Descarga das Fazendas do Dízimo da Alfândega” (AHU_ACL_CU_015, Cx. 47, D. 4239 (1734) e Cx. 51, D. 4504 (1738)) e Almojarife da Alfândega de Recife (AHU_ACL_CU_015, Cx. 34, D. 3123 (1726) e Cx. 34, D. 3161 (1726), AHU_ACL_CU_015, Cx. 35, D. 3185 (1727), AHU_ACL_CU_015, Cx. 38, D. 3416 (1729), AHU_ACL_CU_015, Cx. 40, D; 3651 (1730), AHU_ACL_CU_015, Cx.49, D. 4337 (1735), AHU_ACL_CU_015, Cx. 82, D. 6783 (1756)); em 1757 foi apresentado como “ex-almojarife” (AHU_ACL_CU_015, Cx. 84, D. 6957 e 6958)) [Cf. Barbosa, 2006]. Foi também o 21º. Prior da Ordem Terceira do Carmo de Recife (1727) (in Barbosa, 2006).

43 Em seus comentários sobre a Província de Loreto, Peru, o Padre Veigl (in Murr, 1785:248-250; Veigl, 1789:101-103) também discorreu sobre as abelhas e sua cera.

44 Trata-se de óbvio erro de imprensa, pois tal assunto está na página 246 da versão latina do texto de Veigl (in Murr, 1785).

rão⁴⁵. Não me lembro de ter sido picado nas vivendas das Missões, embora sinta bastante seus ferrões mal saia de casa.

Pág. 268. E quem não acredita que tenho visto, de vez em quando, três ou quatro índios procurando por peixes no lago, os quais são pegos só com as mãos e lançados em terra – tantos quantos me satisfariam abundantemente em uma refeição⁴⁶.

Pág. 269. “Caiman”, também é chamado pelos brasileiros de *jacaré*⁴⁷. Eles têm na cabeça dois glóbulos brancos brilhantes que cheiram bastante, mas diante de [odor] tão excessivamente ativo, pareceram [demasiado] fortes para mim⁴⁷. Diz-se que na água não fazem mal a ninguém⁴⁸. Seu dente pendurado no pescoço é antídoto contra venenos tomados por incuria⁴⁹. Passadas 12 horas, ainda vi as postas em que um foi cortado se moverem, como se quisessem pular. Ele teme o tigre, [com o qual] têm muito cuidado. Por isso os índios, ao atravessarem o rio a nado, imitam a voz do tigre e os crocodilos, ouvindo-a, descem para o fundo da água.

Pág. 272. “Pania”, para os brasileiros *piranha* – ou seja “tesoura”⁵⁰ – é um peixe não diferente quanto à forma e tamanho das nossas carpas⁵¹. No meio, a boca possui dois dentes na parte superior e dois na inferior, largos como unhas do dedo mínimo. Assim que percebem uma gota de sangue, imediatamente um cardume

45 Mencionado em ambas versões do texto de Veigl (in Murr, 1785:246; Veigl, 1789:99).

46 Essa passagem do Padre Breuer diz respeito aos comentários finais do Padre Veigl (in Murr, 1785:268; Veigl, 1789:116) sobre a pesca com “barbasco” ou timbó – nome comum a certas espécies de Leguminosae e Sapindaceae – no qual se menciona que os peixes boiam e podem ser apanhados pelos índios com as mãos nuas.

47 Referência um tanto confusa às glândulas produtoras de almíscar encontradas nesses animais. Entre outros personagens do século XVIII que também comentaram o assunto, destacáremos Frei João de São José Queiroz, Bispo do Grão Pará (in Castello-Branco, 1868) e o Ouvidor e Intendente Geral da Capitania do Rio Negro Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio (1825).

48 Por volta de 1750, o jesuíta Antônio Moreira também afirmaria que os jacarés, apesar de “voracíssimos, não mordem debaixo d’água” (in Papavero & Teixeira, 2011).

49 As supostas virtudes antidotais dos dentes de jacaré seriam proclamadas por vários autores, inclusive outros jesuítas do século XVIII como os padres João Daniel (Daniel, 1976:89) e Antônio Moreira (in Papavero & Teixeira, 2011).

50 Mencionado em ambas versões do texto de Veigl (in Murr, 1785:272; Veigl, 1789:119). De origem tupi, “piranha” na verdade significa “corta a pele”.

51 Referência a *Cyprinus carpio* (Cyprinidae), espécie do Velho Mundo de aspecto muito distinto.

delas aparece, dilacerando o cavalo com o cavaleiro quase de uma só vez.

Pág. 278. “*Mossato*”⁵², *cauim* para os brasileiros (lê-se “*kauihn*”). “*Caõ tãtã*” – “fogo de vinho” – ou seja: aguardente⁵³, a qual os índios apreciam de forma desmedida.

Pág. 456. Esse *Rocha Pita* é digno [apenas] de restrita confiança⁵⁴. Realmente grandiloquente no estilo, excede algumas verdades e omite outras. Assim me disseram os Padres do nosso Colégio quando – em 1743, como hóspede no *Rio de Janeiro* – eu o li, para aprender a língua portuguesa⁵⁵.

Pág. 460. Dizem “capucinos”, derivado provavelmente do vocábulo português *capucho* (lê-se “*capútscho*”) – ou seja: “capuz” – como são chamados os franciscanos. Em Portugal, os capuchinhos são chamados especificamente de “*barbadinhos*”.

Pág. 533. O algodão americano se aproxima muito do indiano em leveza e alvura⁵⁶.

Ibidem. No Brasil, uns [ananases] são amarelos e outros vermelhos, [esses últimos] um pouco maiores que os amarelos mas um tanto inferiores em suco. Depois que se vêem nascer – primeiro em brotos – aqueles [amarelos] levam cinco meses completos antes que se possam ser colhidos bons para comer, [enquanto]

estes – os vermelhos – [levam] cinco meses e 15 dias⁵⁷. Guardados em casa por alguns dias e retirada a coroa, são conservados até que passe o azedume. O tempo mais propício desses frutos são os meses de novembro, dezembro e janeiro, embora um ou outro seja encontrado em outros meses, ainda que raramente. Estou falando da Missão de Ibiapaba, onde plantei mais de 600. Os brotos aqui não secam facilmente com o sol, pois deixei um deles no sol quentíssimo por mais de dois meses e – colocando-o na terra em seguida – produziu novamente raízes. De onde acho que essa planta, colocada um cesto [de vime] sem nenhuma terra própria, pode ser levada da América para a Europa com facilidade.

Pág. 535⁵⁸. Se a *Pacova* for cortada em rodela, nos dois lados de cada parte aparece uma imagem como de um crucifixo, mas, certamente, de forma imperfeita⁵⁹.

Pág. 545. “*Papagayo real, para Portugal/ quem* (lê-se ‘ken’) *passa, El Rey, que* (lê-se ‘ké’) *vai à caça* (lê-se ‘cassa’). Chamam os psitácidos do Brasil com o nome genérico de “*patyra*”⁶⁰. O “y”, na língua brasileira deve ser pronunciado como o “ü” francês, ou melhor, um pouco mais gutural.

Pág. 584 e 585. Os brasileiros dizem em relação ao trovão “*amãna pororócca*” – o murmúrio ou estrépito da chuva – e ao raio “*amãna berãba*” – o esplendor da chuva. Em nenhum outro lugar ouvi um tal fragor contínuo de trovões como em *Ibiapãba*. Com o primeiro estrondo ainda ressoando, logo sobrevém outro mais forte e mais violento, de tal forma que faz tremer a casa toda. Quantas vezes não me deixou ficar tranquilo na cama? E isso – do começo de fevereiro até o fim de abril – quase todos os dias, das duas ou três horas da tarde até as quatro ou cinco da manhã. No entanto, em dez anos, nunca ouvi dizer que um índio ou uma casa no vilarejo da Missão tivessem sido atingidos por um raio. Ao homem endemoniado os índios chamam “*iurupari obã*”, a “cara

52 Mencionado como “mossato” ou “massato” conforme a versão do texto de Veigl (*in* Murr, 1785:278; Veigl, 1789:124).

53 O padre Breuer parece não fazer grande diferença entre a aguardente e o cauim, uma beberagem nativa obtida pela fermentação da mandioca ou milho.

54 Aqui o Padre Breuer comenta uma passagem escrita por Christoph Gottlieb von Murr em seu prefácio ao trabalho de Eckart (*in* Murr, 1785:456). Sebastião da Rocha Pitta nasceu em Salvador, Bahia, em 3 de maio 1660, tendo estudado com os jesuítas. Viajou para Portugal com 16 anos, formando-se em cânones da Universidade de Coimbra. De volta ao Brasil, exerceu o posto de coronel de um regimento de infantaria e viveu em sua fazenda perto da Vila de Cachoeira, ocupando o cargo de vereador na capital baiana. Em 1724 colaborou na formação da “Academia Brasílica dos Esquecidos” – uma associação de ilustrados dispostos a avançar no conhecimento do Brasil Colônia e no cultivo das letras e da história. Escrita um século depois da “História” de Frei Vicente do Salvador, sua “História da América Portuguesa” (Pitta, 1730), constitui a segunda História Geral do Brasil. Faleceu em Salvador no dia 2 de novembro de 1738 (Silva, 1849).

55 A partir desse ponto, Breuer passa a tecer alguns poucos comentários sobre o trabalho do Padre Anselm Eckart (*in* Murr, 1785). Vide Papavero *et al.* (2011).

56 Breuer pretende referir-se ao texto do Padre Eckart (*in* Papavero *et al.*, 2011) sobre o nosso algodão nativo ou “amandijú”, *Gossypium bardadense* (Malvaceae). A passagem em questão, contudo, pertence à página 532 do original.

57 Clara referência ao abacaxi ou ananás, *Ananas sativus* (Bromeliaceae).

58 Trata-se de óbvio erro de imprensa, pois o assunto em questão pertence à página 536 do texto de Eckart (*in* Murr, 1785). Vide Papavero *et al.* (2011).

59 Referência às variedades importadas de bananas *Musa* sp. (Musaceae). Essa longínqua semelhança chamaria a atenção dos cronistas já no século XVI, conforme atesta a “História da Província de Santa Cruz” de Pero de Magalhães Gandavo e o “Tratado Descritivo do Brasil”, escrito em 1587 por Gabriel Soares de Sousa (Gandavo, 1576; G.S. de Sousa, 1938). Para maiores informações, vide Cascudo (1971).

60 Não foi possível relacionar essa palavra a nenhuma outra denominação atribuída aos Psittacidae no Brasil.

do diabo”⁶¹. Tanto quanto posso presumir, penso que há uma grande diferença entre “*anhánga*” e “*iurupari*”. O primeiro nome se ouve raramente da parte dos índios e a não ser quando estão muitíssimo irados. Quando é proferido, mostram sinais de um maior horror dele do que quando é nomeado o “*iurupari*”. Chamam o enxofre de “*anhánga repoti*”, o excremento do diabo.

Outras anotações⁶²

Pág. 18. Que razão há se alguém quisesse derivar seu nome de dois vocábulos brasileiros: “*marã*” – “*mal*” – e “*nhó*” – “*só*” ou “*unicamente*”?⁶³

Pág. 69. Parecerá incrível na Europa tanto o tamanho quanto a multidão de morcegos americanos, bem como o dano que causam⁶⁴. Eles ultrapassam dois palmos de uma extremidade da asa à outra⁶⁵. Como

61 Comentário sobre passagem encontrada na página 585 do texto de Eckart (*in* Murr, 1785). Vide Papavero *et al.* (2011).

62 A partir desse ponto, Breuer voltaria a comentar os textos do Padre Veigl (*in* Murr, 1785; Veigl, 1788, 1789).

63 Segundo Veigl (*in* Murr, 1785:18; Veigl, 1788:104) a palavra “Maranhão” tanto poderia originar-se da propalada indagação feita por Vicente Yáñez Pinzón ao descobrir a foz de um vastíssimo rio nas terras sul-americanas – “*Mare? An non?*” (“*Mar? Ou não?*”) – quanto derivar da palavra espanhola “*maraña*” – literalmente “*coisa confusa*”. Tais especulações levariam o Padre Breuer a propor uma terceira etimologia ainda mais fantasiosa.

64 O Padre Veigl (*in* Murr, 1875:69; Veigl, 1788:146) discorre brevemente sobre a praga dos mosquitos e morcegos. Segundo Huonder (1899:156), o jesuíta Ignaz Pfefferkorn – em seu livro sobre Sonora – teria aproveitado muitas informações sobre história natural do texto de Breuer, em especial as passagens sobre o “*zorriño*” e os morcegos vampiros. Tal assertiva, contudo, parece não se sustentar quando confrontada ao trecho correspondente, no qual se estabelece que “*Las lechuzas, murciélagos y otras aves nocturnas son muy abundantes en Sonora. Cuando cae la noche enjambres enteros de murciélagos salen de árboles huecos, de cuevas en las rocas y de quebraduras de muros. Llenan el aire e invaden casas, especialmente aquellas donde alguna luz está ardiendo, contaminando todo con su abominable suciedad y desagradable hedor. Prácticamente no pasé una noche sin tener que organizar una persecución de estos asquerosos animales para estar libre de ellos durante la noche. Frecuentemente maté o espanté diez o doce y aún más y en mi iglesia algunas veces maté doscientos o trescientos con la ayuda de algunos indígenas. Sin esta incesante guerra no hubiera podido mantener limpio y sin violar, ningún altar, imagen o adorno ya que los murciélagos lo ensucian, rompen y echan a perder cualquier cosa de donde se cuelgan. Si se les permite hacer nidos en las construcciones se reproducen tanto y tan rápidamente que es prácticamente imposible exterminarlos*” (vide Pfefferkorn, 1794:284, 1984:129-130).

65 Além das proverbiais referências a espécies hematófagas – possivelmente *Desmodus rotundus* (Phyllostomidae) – o texto do Padre Breuer registra morcegos frugívoros não identificados e outros de “*incrível*” tamanho com mais de “*dois palmos*”

naquela imensa vastidão de selvas muitas árvores são ocas, [constituindo] refúgios para os morcegos, os boiadeiros diligentes [ficam] atentos a elas, fecham os buracos e as incendeiam. Não somente as árvores, mas também as cavernas dos penhascos estão cheias desses animais sórdidos, conforme me contou o Padre Francisco de Sampaio⁶⁶ – que tendo entrado em um único lugar chamado *Canindé*⁶⁷, caiu no excremento deles quase até os joelhos. Existem ainda certos lugares tão infestados por morcegos que não podem ser habitados nem por rebanhos, nem por homens. Os animais magros são mais expostos às suas mordidas que os gordos, sendo a razão disso – dada pelos os peritos no assunto – porque a gordura impede que introduzam mais facilmente o dente nas veias [dos animais gordos] do que nos magros. Em meus caminhos, muitas vezes me comoveram os cavalos – vendo-os de noite, por toda parte – sendo tão cruelmente mordidos pelos morcegos até na raiz da cauda, de forma que o sangue escorria pelo chão. Não sei que fruto os morcegos comiam no mês de novembro, mas seu excremento impregnava os altares na missão de *Ibiapaba*, fazendo aparecer manchas gelatinosas e transparentes como se fosse verniz, no meio das quais se observava uma pequena semente como a do feno.

Pág. 135 e 136. Na Província “*Searensi*” ou *Cearense* (que é a última pertencente à Capitania Geral de *Per-nambuco*, [estando localizada] em direção ao norte do Maranhão – fronteiro a Oeste – situada aproximadamente entre o 3º e o 5º graus de latitude sul), as tempestades do ano acontecem quase nessa ordem⁶⁸. No mês de outubro caem, algumas vezes, umas gotas de chuva que os portugueses costumam chamar de “*cordão de São Francisco*” e também “*chuveiro de caju*”, isto é, chuvisco em benefício do caju⁶⁹ – que é um fru-

(*i.e.* 44 cm) “de uma extremidade da asa à outra”. Semelhante valor, entretanto, nada tem de excepcional ou distintivo, pois a envergadura do morcego-vampiro – considerado um representante de porte médio – pode atingir 37 cm, enquanto a de *Vampyrum spectrum* (Phyllostomidae) – o maior Chiroptera das Américas – pode chegar a 1 m (Nowak, 1999).

66 Os jesuítas Francisco de Sampaio e Johann Breuer teriam compartilhado os cárceres do Azeitão (1757) e da Torre de São Julião da Barra (1769), sendo libertados juntos em março de 1777 (Studart, 1892).

67 Referência à Aldeia de Canindé, na qual o português Francisco Xavier de Medeiros assentaria moradia e implantaria grande fazenda de gado em 1775. O povoado resultante seria elevado a vila em 1818, dando origem à atual cidade cearense com esse nome.

68 Ou seja, a ordem das chuvas na província de Loreto, Peru, segundo os textos do Padre Veigl (*in* Murr, 1785:135-136; Veigl, 1789:18-19).

69 A expressão “*chuva do caju*” ou “*chuva dos cajueiros*”, usada para nomear as primeiras águas da estação pluviosa, continua

to que começa a amadurecer durante essa época na região⁷⁰. Nos meses de novembro e dezembro ouvem-se trovões de vez em quando – e as chuvas caem mais grossas. Nos primeiros pingos começam a saltitar rãs ou sapinhos que, pouco tempo depois, alcançam um tamanho tão prodigioso que mal podem ser cobertos com um barrete. No tempo da seca, encontrei alguns escondidos um ou dois pés sob a terra⁷¹. No mês de janeiro, os trovões e as chuvas são mais frequentes. Da metade de fevereiro até o fim de abril são até quotidianas. Lembro-me – se não me engano – que de 14 de fevereiro a 30 de abril de 1751, só contei dois dias sem chuva na Missão de *Ibiapaba*. Qualquer gota que cai é quase do tamanho de uma noz de avelã⁷². Uma vez, voltando para casa durante uma dessas chuvas após ouvir a confissão de uma moribunda, aconteceu-me de ficar todo molhado até a pele e ser necessário trocar imediatamente todas as roupas, ainda que, com certeza, não estivesse mais distante que três tiros de pedra⁷³ e contasse com a proteção de um guarda-chuva. No mês de maio as chuvas são mais raras e raríssimas em junho. Em julho, agosto e setembro o céu fica limpíssimo e se chove nesse tempo – o que me lembro de ter acontecido apenas uma vez nos dois últimos dias de julho e com tão copiosa queda de chuva como se fosse o meio do inverno, expressão pela qual costuma ser chamado aí o tempo chuvoso – [as águas são] muito prejudiciais para a pastagem necessária para os rebanhos. O feno apodrece e a relva, rebrotando novamente com essa pouca umidade, não pode crescer por causa do ardor do sol. Desta maneira, os rebanhos – que são deixados dia e noite nos campos e nas selvas para procurar alimento para si – tornam-se extremamente magros e morrem por falta [de pasto]. Contudo, a seca contínua torna-se uma infelicidade para os homens, como foi no Ceará e outras regiões ao longo de 1745 e dos anos vizinhos, quando morreram muitos milhares de animais carentes tanto de alimento quanto de água. Acontecia de um fogo deixado [aceso] freqüentemente atingir as raízes dos arbustos – secas até sob a terra e trançadas entre si – e as consumisse pouco a pouco, de onde ocorria que algumas pessoas, andando por essas

partes, de repente caíssem em um buraco escondido e nele queimassem os pés. É de se observar que no vilarejo principal dessa capitania, chamado “*Agoaikyra*” (os portugueses chamam-no, por corruptela, Aquirás – leia-se “Akirás”⁷⁴) e redondezas, comumente a chuva começa a cair no por do sol e dura até o meio dia do dia seguinte. Na missão de Ibiapaba – 80 léguas [além]⁷⁵ – ou a uma distância de duas horas de caminho do vilarejo, [a chuva começa] às três da tarde e para por volta das seis ou sete horas da manhã [do dia seguinte]. Os trovões, também horrendos ao extremo, costumam provocar um medo nos índios que mostra um jogo parecido com o nosso “tudicular” – vulgarmente *bilhar* – [pois], durante chuvas copiosas, os vi mui freqüentemente brincar na terra – completamente nós – com coquinhos apanhados de uma certa palmeira, redondos e duríssimos, no lugar de bilhas⁷⁶. Ademais, também é de se notar que a região *cearense* é uma terra extremamente seca, de tal modo que muitas vezes provocaram-me riso tantos rios, delineados nos mapas geográficos de Homann⁷⁷, Lotter⁷⁸ e de outros, como o “*Mondaô*”, “*Siopé*”, “*Seará*” etc., os quais não passam de braços que saem do mar e avançam terra adentro por algumas léguas – aqui menos, lá, mais – formando aberturas que são ricas em águas das chuvas que recebem. Da Missão de Ibiapaba, marcada erroneamente nos mapas como “*Tabaxares*” (leia-se Tabajaras) até o *Rio Grande* – o que representa um espaço

viva em todo o Nordeste.

- 70 Clara referência ao fruto do cajueiro, *Anacardium occidentale* (Anacardiaceae).
 71 O autor pretende mencionar uma profundidade de até 66 cm, caso se atribua ao pé o valor de 33 cm.
 72 Óbvio referência ao fruto da avelã do Velho Mundo, *Coryllus avellana* (Betulaceae).
 73 Cerca de 1350 m, caso o autor realmente pretenda fazer referência ao alcance da boca de fogo vulgarmente conhecida como “pedreiro”, variedade de morteiro capaz de disparar projéteis de pedra a uma distância de 450 m (Leitão & Lopes, 1974).

- 74 Em 1727, a casa dos jesuítas de Fortaleza seria transferida para Aquirás, cidade do litoral cearense distante 27 km, onde seria implantado um seminário e a Casa central da Companhia – o chamado “Hospício do Ceará” (Moura, 2000:46).
 75 A distância mencionada pelo autor chega aos 480 km, caso se admita uma légua equivalente a 6 km.
 76 “*Quem metum tonitrua etiam maxime horrenda Indis soleant incutere, ostendit ludus, nostro tudiculari (vulgo Billiard) non absimilis, quem seposita omni veste effusissimos imbres humiludentes Indos saepius vidi assumtis loco globulorum nucibus palmae cujusdam rotundis, et durissimis*” no original. Passagem de difícil tradução na qual o Padre Breuer – ironicamente – parece contrapor a tranquilidade dos indígenas durante as tempestades ao grande pavor que raios e trovões inspiravam aos europeus.
 77 Referência à casa dos Homman, os mais importantes editores de mapas da Alemanha durante o século XVIII. Iniciada por Johann Baptist Homman, Geógrafo Imperial do Sacro Império, membro da Academia Prussiana de Ciências, os trabalhos da firma prosseguiriam, após 1724, sob a direção de seu filho Johann Christoph, que continuaria imprimindo novas edições do “*Atlas Novus Terrarum*” de 1702-1707 e lançaria novas obras como o “*Grosser Atlas ueber die ganze Welt*” de 1737 (Moreland & Bannister, 1993).
 78 Referência a Tobias Conrad Lotter, cartógrafo alemão e genro de Matthäus Seutter, com o qual publicaria, por volta de 1744, o “*Atlas Minor praecipua Orbis Terrarum Imperia, Regna et Provinciae*”. Décadas mais tarde, entre 1760 e 1762, lançaria um “*Atlas geographicus portabilis*” em co-autoria com Tobias Lobeck (Moreland & Bannister, 1993).

de 200 léguas⁷⁹ – encontrei um riacho, com certeza muito estreito. Em alguns lugares, na verdade, a água dificilmente é potável por causa da salugem. O que é melhor, em alguns lugares observei cavalos rejeitá-la, embora consumidos pela sede, [O rio] *Poty* – tão magnífico que era chamado pelos portugueses de *Rio Grande* – ficava tão cheio de água no mês de agosto que mal ultrapassava um pé de profundidade⁸⁰. Cerca de duas léguas⁸¹ em direção ao litoral a partir desse lugar avista-se a *cidade de Natal*, metrópole dessa Capitania, a qual chamam ironicamente de “*cidade que não é tal*”⁸². Daí até *Pernambuco* – um intervalo de 68 léguas⁸³ – encontrei apenas dois rios onde foi preciso atravessar de *canoas*. Os navegantes viajam facilmente por todo esse litoral marítimo no espaço de quatro ou cinco dias com os ventos soprando e as ondas empurrando para o norte. Contudo, a dificuldade está na volta para *Pernambuco*, pois nesse retorno é preciso gastar – de vez em quando – 70 dias, embora [possa levar] apenas 30 dias caso seja calculado atentamente um percurso mais curto e propício.

Pág. 143. “*Pacóva*” ou “*pacoba*”⁸⁴ é palavra brasileira. Na verdade, os brasileiros muitas vezes confundem o “v” com “b”, assim como o “b” com “m”. Os portugueses a chamam banana e nas Índias Orientais [é denominada] *figo*. Cortado em rodela, esse fruto mostra – de cada lado do corte – como que a imagem do crucifixo, mas muito imperfeita⁸⁵. O queijo com *banana* que os portugueses comem é muito gostoso, a tal ponto que costumam dizer: se na Holanda nascessem bananas não haveria mais queijos para vender, pois todos teriam sido comidos apenas pelos holandeses.

Pág. 152. Na última linha, em vez de “*manovi*”, leia-se “*mandobi*”, “*mandobiha*”⁸⁶.

Pág. 154. “*Granadilla*”⁸⁷. Com sua sombra, esta [planta] oferece um refúgio amigo para as serpentes.

79 Portanto 1200 km. Vide nota 77.

80 Portanto 33 cm. Vide nota 73.

81 Cerca de 12 km. Vide nota 77.

82 Ou seja, a cidade que não é cidade e sim mero lugarejo.

83 Portanto uma distância de 408 km. Vide nota 77.

84 Mencionada como “*pacova*” ou “*pacoba*” conforme a versão do texto de Veigl (*in* Murr, 1785:143; Veigl, 1789:23).

85 Vide nota 61.

86 Trata-se do amendoim, *Arachis hypogaea* (Fabaceae), o qual se encontra mencionado como “*mani*” ou “*manf*” conforme a versão do texto de Veigl (*in* Murr, 1785:152; Veigl, 1789:31).

87 Mencionado como “*murucuya*” ou “*granadilla*” conforme a versão do texto de Veigl (*in* Murr, 1785:153; Veigl, 1789:31). Este último é um termo espanhol conferido a diversas espécies de maracujá, sobretudo a *Passiflora edulis* (Passifloraceae).

Pág. 162. Penso, mas não afirmo, ser essa a palmeira “*chambira*”⁸⁸ que os brasileiros chamam “*tucũ*” (leia-se “*tucũhm*”) e com a qual confeccionam cordas muito fortes⁸⁹.

Ibidem. É admirável como árvores tão altas e carregadas com o peso de tantos cocos não sejam desenraizadas pelos ventos – às vezes fortíssimos – pois [suas] raízes não crescem profundamente sob a terra, mas por pouco saem quase na superfície, lançando filamentos em quantidade ao longo e ao largo da areia. Encontrei duas dessas árvores em um sítio mais de cem léguas distante do mar⁹⁰, [local] de que são muito apreciadores. Na plantação dessas nozes, observei uma que ficou 15 meses sob a terra antes que germinasse. Não dão fruto antes do sétimo ano. Usam suas folhas para reparar o fundo externo do barco e vende-se tanto o que quiser nos portos do Brasil por três cruzados⁹¹.

Pág. 164. Nos dias de jejum [passados] na missão de *Ibiapaba* comíamos palmito⁹² em vez de peixes – que aí mesmo não existem – e este nos sabia admiravelmente.

Pág. 199. Sobre esses “*cahucũma*”⁹³ – em brasileiro “*taiaçũ*” – da primeira vez que encontrei um grande bando no caminho, os cães que me acompanhavam mataram dois, um [foi comido] sem sal no almoço – não tinha muito sabor – e um porquinho [foi preparado] no jantar salpicado com um pouco de sal, para mim mais saboroso que a carne de galinha. De vez em quando, um único homem armado com um grosso bastão [basta para] matar grande número deles, contando que esteja em um lugar pouco mais alto onde não possam – com seus dentes – chegar a atacar-lhe os pés. Porquinhos desse tipo são domesticados à vontade.

Pág. 203. “*Perrico ligèro*”, para os brasileiros “*ay*” e para os portugueses preguiça⁹⁴ – ou seja: “*pigritia*” [em latim].

88 “*Chambira*” em ambas versões do texto de Veigl (*in* Murr, 1785:162; Veigl, 1789:39). Trata-se do tucum, *Astrocaryum vulgare* (Arecaceae).

89 Segundo Nogueira (1887:425), as fortíssimas fibras do tucum “preparadas pelos índios com a resina da almecega”, serviam “para fazer suas redes de pescar, para cordas de arco e outros misteres”.

90 Provável referência ao coqueiro, *Cocos nucifera* (Arecaceae), uma espécie introduzida que, nesse caso, teria sido encontrada a 600 km do litoral. Vide nota 77.

91 Moeda de prata que valia cerca de 480 réis.

92 Mencionado em ambas versões do texto de Veigl (*in* Murr, 1785:164; Veigl, 1789:40).

93 Mencionado como “*guangana*” ou “*ganguána*” e “*cahucũma*” ou “*cahucuma*” conforme a versão do texto de Veigl (*in* Murr, 1785:199; Veigl, 1789:62).

94 “*Perrico ligèro*” nos textos do Padre Veigl (*in* Murr, 1785:203; Veigl, 1789, 65), o qual associa esse mamífero ao “*Bradypus*

Pág. 208⁹⁵. “*Sagoi*” (leia-se “sagoihn”)⁹⁶ são muito impacientes com o frio. Em Portugal, conheci alguém que – como nos aproximássemos do fim do mês de abril – transportava seu macaquinho escondido debaixo da roupa para protegê-lo de um vento mais frio.

Pág. 211. *Tamanduá* em brasileiro⁹⁷.

Pág. 213. “*Armadillo*”, *tatu* para os brasileiros⁹⁸.

Pág. 215. “*Zorillo*”⁹⁹, para os brasileiros “*miritaiaca*”. Seu fedor é realmente tão infernal que entra, qual densa névoa, não só nas narinas mas também agride a boca – isso em distâncias de quase uma légua¹⁰⁰, sobretudo se o vento sopra do animal para o homem. Diz-se que esse fedor está na urina dele, com a qual se defende de maneira única contra quaisquer adversários. O que quer que seja borrifado com esse cheiro ainda permanece completamente fedorento mesmo se exposto seis meses ao ar livre. Aliás, esse animal é

pedibus tridactylis” (= *Bradypus tridactylus*) retratado no “*Exoticorum Libri Decem*” de Charles de L’Écluse (1605).

95 Erro de imprensa, pois tal assunto está na página 246 da versão latina do texto de Veigl (*in* Murr, 1785).

96 Nome mencionado em uma nota de rodapé encontrada em ambas versões do texto de Veigl (*in* Murr, 1785:206; Veigl, 1789:68), autor que associa esse primata ao “*Cercopithecus Sagovin*” (= *Callithrix jacchus*) representado no “*Exoticorum Libri Decem*” de Charles de L’Écluse (1605). Vide também Teixeira & Papavero (2010).

97 O “osso hormiguero” descrito por Veigl (*in* Murr, 1785:211; Veigl, 1789:72), parece ser o nosso tamanduá-bandeira, *Myrmecophaga tridactyla* (Myrmecophagidae).

98 Mencionado como “armadillo” em ambas versões do texto de Veigl (*in* Murr, 1785:213; Veigl, 1789:73).

99 Mencionado como “zorillo” em ambas versões do texto de Veigl (*in* Murr, 1785:215; Veigl, 1789:74). Segundo Huonder (1899:156), o jesuíta Ignaz Pfefferkorn – em seu livro sobre Sonora – teria aproveitado muitas informações sobre história natural do texto de Breuer, em especial as passagens sobre o “zorillo” (*i.e.* a jaritacaca) e os morcegos vampiros. Tal assertiva, contudo, parece não se sustentar quando confrontada ao trecho correspondente (na tradução mexicana): “Su cola es como una mota parecida a la de ardilla y como ésta también la tiene siempre erguida. Su cola ofrece tanta protección a los zorillos, como al tigre sus garras y sus dientes. Cuando al zorillo lo ataca un perro o cualquier otro animal, lo pisan los humanos o cuando se le ofende em cualquier otra forma, inmediatamente orina sobre su cola y usándola como una brocha humedecida rocía a cualquiera que se acerque. No necesita nada más para protegerse de los ataques, ya que el olor de este líquido es tan inaguantable que tanto el hombre como la bestia tienen que huir para evitar desmayarse o aun sofocarse. La peste es tan fuerte que se desparrama hasta una distancia de un cuarto de hora y es inaguantable dentro de este radio. No hay incenso capaz de ahuyentar la peste de la ropa o de las habitaciones y es cosa de semanas antes de que desaparezca por completo. Si sólo una gota de este líquido apestado cae dentro del ojo causa un intenso dolor” (Pfefferkorn, 1984:124-125).

100 Portanto cerca de 6 km. Vide nota 77.

tão manso que pode ser pego nas mãos por qualquer um.

Pág. 222. “*Tigrillo*”¹⁰¹, para os brasileiros *maracajá*.

Pág. 225. “*Quaquamayo*”¹⁰², pela descrição, acho que é o que os brasileiros chamam de *canindé*, ave formosa, maior que o galo. Não se encontra por toda parte. Muito raro uma sobrevoa a missão de *Ibiapaba*, embora a 30 léguas em direção a oeste¹⁰³ haja uma multidão tão grande dessas que, por causa da sua tagarelagem, muitas vezes tenho dificuldade de ouvir as palavras do meu colega.

Pág. 229. “*Piuri*”¹⁰⁴. Se não me engano, para os brasileiros é o *mutum* – leia-se “*mutúhn*”.

Pág. 232. Vi, uma vez ou outra, uma multidão tão grande dessas pombas silvestres¹⁰⁵ que, ao voarem de súbito, assustaram a mim e ao meu cavalo, [formando] como uma densa nuvem que quase obscureceu o dia naquele momento. Não me pareciam ser maiores que os nossos pardais¹⁰⁶.

Pág. 233. Casualmente aparece essa “*ciguanga*”, que no Brasil chamam “*toucã*” (leia-se “*toucáhn*”), ave muito medrosa cujo bico é maior que todo o corpo¹⁰⁷.

Pág. 235¹⁰⁸. Nos meses de março e abril, próximo ao por do sol, eu via uma infinidade dessas avezinhas voando em torno das flores de árvores de frutos amare-

101 O “tigrillo” descrito por Veigl (*in* Murr, 1785:222; Veigl, 1789:79), parece ser a nossa jaguatirica, *Leopardus pardalis* (Felidae).

102 Mencionada como “*quaquamayo*” em ambas versões do texto de Veigl (*in* Murr, 1785:225; Veigl, 1789:81).

103 Portanto uma distância de 180 km. Vide nota 77.

104 Em ambas versões do texto de Veigl (*in* Murr, 1785:229; Veigl, 1789:85), uma nota de rodapé identifica o “*piuri*” como *Crax alector* (Cracidae). Como o Padre Breuer esteve no Rio de Janeiro e parece ter perambulado da Bahia até o Ceará e Piauí, seu breve comentário poderia dizer respeito tanto ao mutum-de-bico-vermelho, *Crax blumenbachii*, quanto ao famoso *Mitu mitu*, espécie da “zona da mata” nordestina atualmente extinta na natureza.

105 Ambas versões do texto de Veigl (*in* Murr, 1785:232; Veigl, 1789:87) só incluem brevíssima referência às “pombas silvestres”.

106 Equivoca-se o Padre Breuer, pois o pardal europeu, *Passer domesticus* (Passeridae), não ultrapassa os 15 cm de comprimento total.

107 Mencionado como “*Dios te dè*” ou “*ciguanga*” conforme a versão do texto de Veigl (*in* Murr, 1785:233; Veigl, 1789:88). Considerando a localidade da Serra de Ibiapaba, trata-se provavelmente do tucanoçu, *Ramphastos toco*.

108 Erro de imprensa, pois tal assunto está na página 234 da versão latina do texto de Veigl (*in* Murr, 1785).

los. Nada de mais artisticamente construído que o seu pequeno ninho, nem nada mais belo que suas penas. Os “*gouanabyti*” – em brasileiro – são pouco maiores que uma abelha¹⁰⁹.

Pág. 238. Entre as aves aquáticas¹¹⁰, é preciso enumerar, também, a *colhereira*, assim chamada pelos portugueses, por causa do bico de quase um palmo de tamanho¹¹¹, redondo como se fosse uma colher arredondada.

Pág. 242. Entre as aves ofiófagas¹¹², uma que os brasileiros chamam de “*guacuá*” (leia-se “*guacuáhn*”). Dizem que as serpentes, tomadas de medo, se recolhem em seus esconderijos quando [os nativos] repetem, cantando, esse nome¹¹³. Seu bico tem em torno de três polegadas de comprimento¹¹⁴ e todos os ossos dessa ave costumam servir como antídoto¹¹⁵.

Ibidem. Essa aranha muito grande, chamada pelos portugueses de *aranha caranguejeira*, tem as pernas como de um caranguejo, mas muito mais grossas, por causa do seu pelos negros que as cobrem por toda parte¹¹⁶. Diz-se que causa dores insuportáveis somente ao tocar a pele, assim como também [ocorre com] algumas lagartas peludas no Brasil¹¹⁷. A mordida dos es-

corpíões (chamados *lacraias* pelos portugueses) nunca são mortais no Brasil, mas muitas vezes ouvi [dizer], no entanto, que provocam dores febris por 24 horas¹¹⁸. Um agradável espetáculo para mim foi ver uma dessas [criaturas] – com o ferrão exposto – completamente envolvida por pequenas formigas, tentando fugir em um esforço inútil e não conseguindo¹¹⁹. No Brasil existe outro gênero de inseto venenoso – os portugueses chamam-no de *piolho de cobra* – que encontrei uma vez na mesa do meu quarto. Tinha aproximadamente meio palmo de comprimento, um pouco mais grosso que uma polegada¹²⁰ e possuía pezinhos amarelos – contínuos da cabeça ao fim do corpo – de ambos os lados, podendo ser chamado de centípede ou milípede por essa razão. Começando a chuva, vêem-se formigas aladas – quase parecidas às nossas abelhas – que não só os índios, mas também os portugueses, comem torradas num caldeirão¹²¹. Onde elas se estabelecem, em pouco tempo nasce uma multidão de formigas que, de vez em quando, se estendem por muitas léguas, não raramente corroendo os alicerces das casas e das igrejas. Eu conheci um padre – do qual fui colega na missão – que uma vez, temendo pela casa e pelo templo, mandou abrir uma cova no meio da aldeia e enche-la de ossos, cascas, chifres e tudo mais que fizesse fumaça, materiais que alimentavam o fogo. Com a ajuda de grandes foles, a fumaça foi impelida continuamente por semanas, penetrando nos caminhos subterrâneos [desses insetos]. Os índios enviados nesse período a quase duas léguas [de distância]¹²² viam a fumaça saindo da terra e tapavam os buracos. Se não acabou com todas as formigas desse modo, pelo menos eliminou uma enorme multidão delas. Da Capitania do Espírito Santo para o sul, essa praga das formigas não é nociva a esse ponto, mas daí para o norte é muito pernicioso, de onde acontece que muitas plantas da Europa – por exemplo a videira – não podem ser aí cultivadas pois, caso haja pouco cuidado, tudo é destruído pelas formigas em uma única noite.

109 Com apenas 6,8 cm de comprimento e 1,5 g de massa corporal, *Lophornis magnificus* seria o menor representante brasileiro dos Trochilidae, porte bem superior ao de uma abelha, *Apis mellifera* (Apidae).

110 Ambas versões do texto de Veigl (in Murr, 1785:236-238; Veigl, 1789:91-94) enumeram algumas aves aquáticas, detalhe que levaria o Padre Breuer a lembrar-se do colhereiro.

111 Cerca de 22 cm. Vide nota 17.

112 O Padre Veigl (in Murr, 1875:242; Veigl, 1788:95) tece alguns comentários sobre o assunto e dá graças à Divina Providência por dispor numerosos gaviões, patos e garças nas terras americanas, pois essas aves sustentariam um perpétuo combate contra as serpentes e terminariam por controlá-las – apesar de o clima ardente e úmido do Novo Mundo ser tão favorável à multiplicação desses répteis.

113 Lenda bastante conhecida que chegaria mesmo a inspirar certa passagem de “O Guarani” em José de Alencar.

114 Cerca de 7,5 cm. Vide nota 23.

115 As pretensas virtudes antidotais das várias partes do corpo do acauã também foi celebrada por outros jesuítas do século XVIII como os padres João Daniel (Daniel, 1976) e Antônio Moreira (in Papavero & Teixeira, 2011). Os maravilhosos poderes conferidos ao bico dessa ave de rapina foram explicitamente mencionados em 1749 por José Gonçalves da Fonseca (in Almeida, 1860) e Antônio L.M. Baena (1839), os quais atestam sua eficácia contra as picadas de cobra e infecções (vide também Nogueira, 1887:212-213).

116 Ambas versões do texto de Veigl (in Murr, 1785:242; Veigl, 1789:96) fazem breve menção a esse aracnídeo, embora não declinem seu nome popular.

117 Apesar de os pelos urticantes das caranguejeiras de fato provocarem alguma irritação na pele e mucosas, seus efeitos não podem ser comparados aos casos de erucismo. No Brasil, estes

últimos são provocados sobretudo pelas taturanas pertencentes às famílias Saturniidae e Megalopygidae (Lepidoptera). Para maiores informações, vide Brasil (2001) e Bücherl (1980).

118 Provocados essencialmente pelos representantes do gênero *Tityus*, em particular *Tityus serrulatus* (Buthidae), os acidentes com escorpíões registrados no país não costumam apresentar maior gravidade, embora causem dor intensa. Para maiores informações, vide Brasil (2001) e Bücherl (1980).

119 A imagem descrita por Breuer faz lembrar bastante as formigas de correição (Formicidae), termo que abarca várias espécies pertencentes à subfamília Ecitoninae.

120 Portanto 11 cm de comprimento e 2,5 cm de grossura. Vide notas 17 e 23.

121 Sobre o consumo das tanajuras no Brasil, vide Cascudo (1954) e Lenko & Papavero (1997).

122 Cerca de 12 km. Vide nota 77.

Pág. 281. Os *Tabajara* organizam assim suas danças ordinárias¹²³, que se chamam “*poracé*”: em casa ou diante dos seus quintais, onde a bebida é liberada, os homens se encontram (uns ornados com penas, outros não, uns com os corpos pintados de preto ou vermelho com suas tintas, outros não – conforme a conveniência de cada um) e formam uma roda da qual ninguém é excluído, seja ou não convidado. Em comum, todos levam – abaixo dos joelhos e um pouco acima de cada um dos pés – uma faixa confeccionada com fios simples nos quais são inseridas longitudinalmente cascas muito duras – com meio palmo [de comprimento] – de um fruto chamado “agoai” cortado em duas partes no sentido da largura. Este é parecido com a casca da noz de uma avelã e crepita como castanholas com o movimento¹²⁴. Além disso, cada um segura na mão seu maracá, que é uma cabaça¹²⁵ com algumas pedrinhas ou caroços duros dentro e um pau inserido no meio [cuja ponta] fica de fora em um lado, [formando] desta maneira um cabo pelo qual se possa segurar e sacudir com a mão para fazer barulho. No começo, todos ficam como meditando com a cabeça um pouco inclinada para baixo, chocalhando levemente e de vez em quando seu maracá, até que o “*nbeengaruba*” (o “pai da língua” – que pode ser comparado aos nossos maestros), com um verso igual ou parecido – por exemplo – [a] “*Guyra goaçü oimondo ogoabiu*”, ordena que “o gavião traga para ele seu penacho”. Agitado por uma inspiração poética, começa a cantar com a voz bem baixa, que os outros repetem no mesmo tom. Em

seguida, junto com o outros, repete o mesmo [canto] mais alto, aumentando bastante a voz – e assim pela terceira vez e pela quarta até que, por fim, todos soltam a voz livremente com o peito cheio, em geral terminando [a cantoria] com a exclamação “He, He, He, He, He”. Quando chega essa exclamação, as mulheres – [que estão] em uma parte separada com os homens atrás ou em volta – juntam suas vozes e só os homens ficam cantando o verso. Enquanto cantam, batem tão forte o pé descalço na terra que – quando a “*poracé*” era nos arredores – muitas vezes do meu quarto eu podia perceber distintamente essas batidas e sentir a casa quase tremer. Ninguém sai do lugar nesse instante. [Podem] levar dias – em geral noites inteiras – repetindo essa cantilena. A alguma distância, esse canto não me desagradava e muitas vezes me fazia admiravelmente perplexo com a afinação deles, pois não havia ninguém com voz desafinada perturbando [a melodia], nem se adiantando e nem se atrasando. [Ao contrário dos Tabajaras], por outro lado, os tapuias mostram gestos confusos em suas danças, agitando muito o corpo para frente e para trás. Usam um tom pesado que mais provocava horror do que fornecia deleite para os ouvidos. Os Tabajara também têm um outro tipo de dança, chamado “*ybyrá-motuca*”, que não vi senão muito raramente. Todos avançam com bastões ou porretes grossos – os homens misturados às mulheres – divididos em duas longas filas, sendo o primeiro de cada fila um chefe, um dos índios mais importantes. No meio dos [dançarinos] vem o tocador de tambor, o qual marca uma batida com sua baqueta a qual – ao mesmo tempo – os outros seguem. São feitas várias evoluções, dançando ora de um lado, ora de outro, indo em círculo e agora precipitando-se em rodas alternadamente, [por fim] voltando de novo à formação que mantinham antes. Enquanto isso não se ouve nenhuma voz. Para a confusão de muitos europeus, entretanto, cabe reconhecer – com louvor – que os brasileiros, em honra da paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, se abstêm das danças e de outros divertimentos durante todo o tempo da Quaresma.

Pág. 282. No livro de batismo da missão de Ibiapaba encontrei cerca de 320 crianças batizadas todos os anos¹²⁶. O número de meninos que – nesse ano – foi superado um pouco pelas meninas no outro ultrapassou-as, de tal modo que o excesso de um sexo sobre o outro parece ser tornado nulo. Antigamente havia um costume entre os brasileiros de que a esposa parindo, o marido ia para a cama e era servido pela mulher [saída

123 Ambas versões do texto de Veigl (in Murr, 1785:281; Veigl, 1789:128) também fazem breve menção às danças dos indígenas.

124 Referência a *Thevetia abouai* (Apocynaceae). É a chamada *Aguai*, “quas etiam e filis gossypinis componunt, et appendunt ipsis certas nuces, quibus lapillos aut quid simile indunt, ut strepitum edant, vocant Aouay” [fazem também de fio de algodão e aí penduram umas nozes para dar algum som, chamam Aguai] (Laet, 1633:620). “*Abouai*. (...) As nozes sevem de ornar os cinturões dos Índios, e agitadas fazem grande ruído” (Chernoviz, 1890:80). “*Agahy* – *Thevetia abouai* DC (*Cerbera Abouai* L.), da família das Apocinaceas. – Arbusto de folhas alternas, curto-peciouladas, oblongo-obovadas, agudas, glabras; flores amarelo-palidas, campanulado-infundibuliformes, de 4 cts. de comprimento; fructo drupa carnosa, obovoide, trigona, comprimida e deprimida; semente dura, oblonga. – É planta emeto-cathartica e febrífuga, porém de uso perigoso, porque o succo latescente e as sementes, aliás uteis na cura de úlceras, são muito venenosos, servindo também as folhas como ichtyocida. As sementes, em doses mínimas, são vomitivas, pouco usadas; os aborígenes serviam-se dellas como enfeite e também para chocalho em suas danças, dispondo-as convenientemente nos colares e cinturões, razão por que os colonos franceses da Guiana lhes chamam ‘noix de serpent’ ou ‘bagage à collier’” (Corrêa, 1984:33-34).

125 Provável referência aos frutos de *Lagenaria siceraria* (Cucurbitaceae).

126 Ambas versões do texto de Veigl (in Murr, 1785:282; Veigl, 1789:128) também fazem menção ao batismo de crianças.

da gravidez]¹²⁷. Depois de muita instrução, apenas casualmente esse costume ainda permanecia em uso. Por fim encontrou-se um único adolescente que havia sido persuadido a isso por futilidades.

Pág. 293. Como [exemplo] da inconstância dos índios, saiba-se da vontade mais evidente e irresistível de ir embora da missão, [a qual] acrescento outras: uma vez, passeando no caminho, um índio disse-me que não podia se tornar prisioneiro como eu [não] podendo ficar em casa a semana inteira¹²⁸. Embora ele saísse todo dia da aldeia para caçar e tratar de outros assuntos, não podia – no entanto – descansar se não realizasse todos os anos uma ou outra longa viagem. Um outro, depois de me contar longuíssimas peregrinações, acrescentou que morreria finalmente em paz depois que visse a Europa. E não duvido que ele teria muitos companheiros de viagem, se pudessem chegar até lá a pé. Há aqueles que para cobrar uma dívida de três cruzados, por exemplo, empreendem um percurso de 100 ou mais léguas¹²⁹ e não adianta nenhuma razão para dissuadi-los dessa bobagem.

Pág. 295. Acho que há uma outra bebida conhecida dos brasileiros¹³⁰, mas com um outro nome do qual não me lembro mais. Na verdade, ouvi algumas vezes narrarem seu gosto por ela¹³¹.

Pág. 298. Perguntam, por exemplo, como se chamava a mulher de São Miguel Arcanjo¹³². Ou se o Espírito Santo é uma pomba etc.¹³³

Pág. 541. Há duas espécies de tatu. O *tatupeba*, também chamado chato pelos brasileiros, é comestível¹³⁴. O outro é o tatu-bola, assim chamado pelos portugueses, porque se contrai feito uma bola. Não abandona

essa postura mesmo quando chutado para a frente com o pé ou atirado com a mão. Sua carne não é boa para comer.

Pág. 550. Os jacarés (não sei se todos) têm na cabeça, como penso, dois glóbulos brancos redondos, do tamanho de uma noz encorpada, que cheiram muito. Mandeí arranca-los de um [jacaré] com cerca de 10 palmos de comprimento¹³⁵ que me apareceu no caminho, morto pelos meus companheiros índios. Entretanto, por causa de sua excessiva atividade, não pude manter a fragrância por muito tempo. Fiquei admirado vendo seus pedaços saltitarem até 12 horas depois, como se tivessem sido cortados naquele mesmo instante¹³⁶.

As espécies da fauna brasileira mencionadas

As informações sobre animais fornecidas pelo Pe. Breuer, sendo apenas para ele de interesse secundário, são frequentemente precárias ou fantasiosas, baseadas por vezes em informações recebidas de terceiros, incluindo credíes que perduram até os dias atuais. A inclusão de diferentes espécies sob uma mesma designação geral e sem maiores especificações dificulta sua precisa identificação. Bem exemplificado pela passagem dedicada aos morcegos, semelhante artifício constitui sério obstáculo à identificação de algumas espécies e dificultou sobremaneira a análise de um texto já demasiado vago e bastante limitado por girar em torno dos escritos de terceiros. Levando em conta apenas os nomes fornecidos, essas “Anotações” fazem alusão a 13 mamíferos, 12 aves, quatro répteis, um anfíbio, um peixe, oito insetos, dois aracnídeos e um miriápodo, os quais totalizam pelo menos 42 animais distintos.

127 Trata-se da prática da *couvade* tão mencionada pelos cronistas dos séculos XVI e XVII.

128 Ambas versões do texto de Veigl (*in* Murr, 1785:293; Veigl, 1789:128) tratam dos “maus hábitos” apresentados pelos indígenas avessos ao sedentarismo.

129 Portanto 600 km ou mais. Vide nota 77.

130 Ambas versões do texto de Veigl (*in* Murr, 1785:295; Veigl, 1789:238) mencionam que os indígenas de Maynas usam a “hayac-huasca” ou “ayahuasca”, bebida ritual produzida pela decoção do cipó *Banisteria capi* (Malpighiaceae) e das folhas de *Psychotria viridis* (Rubiaceae).

131 Trata-se da “jurema”, bebida ritual preparada com a raiz da árvore do mesmo nome, *Acacia jurema* (Fabaceae, Mimosoideae).

132 Ambas versões do texto de Veigl (*in* Murr, 1785:98; Veigl, 1789:141) mencionam questões dessa natureza.

133 Mais uma vez o Padre Breuer deixaria de lado o texto de Veigl, encerrando suas “Anotaciones” com dois comentários sobre animais referentes ao trabalho de Eckart (*in* Murr, 1785).

134 “Tatu-peba” significa, literalmente, “tatu-chato” ou “achatado”.

Nome	Identificação Proposta
“Ay” ou “preguica”	<i>Bradypus tridactylus</i> (Bradypodidae)
“Caí”	Designação conferida aos macacos em geral e muito frequentemente aplicada aos representantes do gênero <i>Cebus</i> (Cebidae)
“Danta”	<i>Tapirus terrestris</i> (Tapiridae)

135 Portanto 2,2 m. Vide nota 17.

136 Vide nota 48.

“Guaríba”	A julgar pela localidade geográfica, trata-se provavelmente de <i>Allouata belzebul</i> (Atelinae)	“Iuruparì keçaba”	Nome conferido ao ninho do japim, <i>Cacicus cela</i> (Icteridae)
“Maracajà”	No caso, trata-se da jaguatirica, <i>Leopardus pardalis</i> (Felidae)	“Mutũ”	Representante não identificado do gênero <i>Crax</i> ou <i>Mitu</i> (Cracidae)
“Tajacu”	Trata-se do caititu, <i>Pecari tajacu</i> (Tayassuidae)	“Papagayo” ou “patyra”	Designações comuns a diversos Psittacidae
“Tamanduã”	No caso, trata-se do tamanduá-bandeira, <i>Myrmecophaga tridactyla</i> (Myrmecophagidae)	“Toucã”	A julgar pela breve descrição e a localidade geográfica, trata-se provavelmente de <i>Ramphastos toco</i> (Ramphastidae)
“Tatũ”	Designação comum aos representantes dos Dasypodidae (Edentata)	“Urubũ”	Provável referência ao urubu-preto, <i>Coragyps atratus</i> (Cathartidae), embora os representantes do gênero <i>Cathartes</i> tampouco possam ser descartados
“Tatú bòlla”	<i>Tolypeutes trincinctus</i> (Dasypodidae)	“Urubutínga”	<i>Sarcoramphus papa</i> (Cathartidae)
“Tatú péba”	<i>Euphractus sexcinctus</i> (Dasypodidae)	“Cascavèl” ou “boitininga”	<i>Crotalus durissus</i> (Crotalidae)
“Tigris” ¹³⁷	<i>Panthera onca</i> (Felidae)	“Serpentem bicipitem” ¹⁴⁰	Amphisbaenidae não identificado
“Vespertilionum” ¹³⁸	Referência alusiva a <i>Desmodus rotundus</i> e outros Chiroptera não identificados	“Yboia”	Trata-se da jibóia, <i>Boa constrictor</i> (Boidae)
“Zorillo” ou “miritaiáca”	Trata-se da jaritataca, <i>Conepatus semistriatus</i> (Mustelidae)	“Jacaré”	Nome comum a diversos representantes dos Crocodylidae. Pela localidade geográfica considerada, deve tratar-se de <i>Caiman latirostris</i>
“Canindê”	<i>Ara ararauna</i> (Psittacidae)	“Bufo” ¹⁴¹	A julgar pelo grande porte, deve tratar-se do sapo-cururu, <i>Rhinella jimi</i> (Bufonidae)
“Colhereira”	<i>Ajaia ajaja</i> (Threskiornithidae)	“Rana” ¹⁴²	A julgar pelo grande porte, deve tratar-se de algum dos maiores representantes do gênero <i>Leptodactylus</i> (Leptodactylidae)
“Columba sylvestris” ¹³⁹	Provável referência à avoante, <i>Zenaida auriculata</i> (Columbidae)	“Piránha”	Designação comum a diversos representantes dos Serrasalminae (Characidae)
“Gouanabytí”	Variante de “guanumbi”, nome tupi aplicado aos beija-flores (Trochilidae)		
“Guacuaã”	Trata-se do acauã, <i>Herpetotheres cachinnans</i> (Falconidae)		
“Ioëi”	Tinamidae não identificado. Talvez <i>Rhynchotus rufescens</i> ou <i>Nothura</i> sp.		

137 Em latim no original.

138 Em latim no original.

139 Em latim no original.

140 Em latim no original.

141 Em latim no original.

142 Em latim no original.

“Arabè”	Termo gerais aplicados às diferentes espécies de baratas (Blattodea)
“Copìn” ou “salalé”	Designações comuns a diversas espécies de Isoptera
“ <i>Culex</i> ” ¹⁴³	Alusão a mosquitos hematófagos não identificados (Culicidae)
“ <i>Eruca pilosa</i> ” ¹⁴⁴	Trata-se de uma taturana não identificada (Lepidoptera)
“ <i>Formica</i> ” ¹⁴⁵	Talvez uma referência às formigas de correição (Formicidae, Ecitoninae)
“ <i>Formica alata</i> ” ¹⁴⁶	Referência à tanajura, <i>Atta</i> sp. (Formicidae)
“Tobi”	Possível alusão à tubiba ou tubuna, <i>Scaptotrigona tubiba</i> (Meliponidae)
“Túnga”	Referência ao bicho-do-pé, <i>Tunga penetrans</i> (Tungidae)
“Aranha caranguejeira”	Designação comum às espécies de grande porte pertencentes à família Theraphosidae
“ <i>Scorpionum</i> ” ¹⁴⁷ ou “lacráia”	Escorpião não identificado (Scorpiones)
“Piólho de cobra”	Designação comum a vários miriápodes das famílias Polidesmidae e Iulidae

aspectos da vida cotidiana. Nesse particular, merecem destaque as práticas empregadas para combater os morcegos e as saúvas, que seriam eliminadas com o auxílio de uma insólita engenhoca capaz de impelir – com o auxílio de grandes foles manuais – a fumaça produzida por fogueiras pelas galerias dos formigueiros, estratégia não muito diversa daquela empregada por vários maquinários produzidos muito tempo depois durante a intensa campanha de erradicação desses insetos levada a cabo nos séculos XIX e XX (Lenko & Papavero, 1997).

Entre as informações zoológicas fornecidas, o texto do Padre Breuer desperta particular interesse pela afirmação de que macacos – provavelmente *Cebus* sp. – seriam capazes de abrir ostras com o auxílio de “uma pedra ou algo parecido que encontrem por perto”, golpeando forte e insistentemente até quebrarem a casca dos moluscos. Caso não se considerem os vários relatos de primatas do Novo Mundo – sobretudo guaribas, *Allouata* ssp. – atirarem galhos e frutos em outros animais ou caçadores (vide Beck, 1980; Richard-Hansen *et al.*, 1998), esse seria um dos testemunhos mais antigos sobre o uso de instrumentos por primatas neotropicais. Com efeito, as primeiras observações referentes a atividades desse tipo em indivíduos do gênero *Cebus* parecem datar da década de 1930, tendo sido realizados com espécimens em cativeiro (Beck, 1980; Klüver, 1933, 1937). Décadas mais tarde, o emprego de diferentes objetos como martelos destinados a abrir coquinhos seria observado na natureza, havendo inclusive registros no Brasil (*e.g.* Anderson, 1990; Rocha *et al.*, 1998). Na verdade, o relato de Breuer terminaria sendo confirmado pela recente observação de exemplares de *Cebus apella* usando ferramentas para abrir ostras, *Crassostrea rhizophorae*, nos mangues de Canelatiua, localidade dos arredores de Alcântara, no litoral do Maranhão (Fernandes, 1991).

DISCUSSÃO

Apesar de pertinente em termos lexicográficos, constituindo uma fonte única para certos nomes populares (*e.g.* “patyra” e “salalé”), o manuscrito do Padre Breuer chama a atenção sobretudo pela importância atribuída aos diferentes elementos da fauna brasileira em termos da medicina popular, alimentação e outros

RESUMO

Nascido a 25 de junho de 1718 em Colônia, Alemanha, Johann Breuer ingressaria na Companhia de Jesus em 1737, sendo enviado como missionário ao nordeste do Brasil em 1741. Até 1745, teria acompanhado as pregações do Padre Gabriele Malagrida em Pernambuco e na Paraíba, permanecendo algum tempo no Rio de Janeiro durante 1743. Grande parte de suas atividades, entretanto, teriam lugar na Missão de Ibiabapa, Ceará. Com a expulsão dos jesuítas em 1757, o Padre Breuer seria deportado para Portugal e continuaria prisioneiro até 17 de março de 1777, voltando em seguida para sua cidade

143 Em latim no original.

144 Em latim no original.

145 Em latim no original.

146 Em latim no original.

147 Em latim no original.

natal, onde faleceu em 13 de agosto de 1789. Nesse mesmo ano, Christoph Gottlieb von Murr publicaria suas "Adnotaciones", uma série de observações alusivas aos textos dos jesuítas Franz Xavier Veigl e Anselm Ekart. Além de constituir um raro testemunho sobre a fauna nordestina datados do século XVIII, os comentários de Breuer chamam a atenção por mencionarem o combate dado às saúvas, *Atta* sp. (Hymenoptera, Formicidae) e incluírem uma das primeiras referências conhecidas sobre o uso de ferramentas entre primatas brasileiros, relato que parece dizer respeito ao macaco-prego, *Cebus* sp. (Primates, Cebidae).

PALAVRAS-CHAVE: Johann Breuer; Christoph Gottlieb von Murr; Jesuítas; Ceará; História Natural; Naturalistas; Século XVIII; História da Zoologia; Primatas; Cebidae; Ferramentas; Saúva; *Atta* sp.; Hymenoptera; Formicidae

AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos a Dione Seripierri (Biblioteca do Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo), pelo auxílio prestado na reunião de parte da bibliografia citada no texto. Cabe destacar ainda o apoio concedido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) às pesquisas realizadas pelos autores durante os últimos anos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C.M. DE. 1860. *Memórias para a História do Extincto Estado do Maranhão*. Typographia do Commercio de Brito e Braga, Rio de Janeiro.
- ANDERSON, J.R. 1990. Use of objects as hammers to open nuts by capuchin monkeys (*Cebus apella*). *Folia Primatologica*, Basel, 54:138-145.
- ASSIS JUNIOR, A. DE. s/D. *Dicionário Kimbundu-Português. Linguístico, botânico, histórico e corográfico. Seguido de um índice alfabético dos nomes próprios*. Argente, Santos & Cia., Luanda.
- BAENA, A.L.M. 1839. *Ensaio Corographico da Província do Pará*. Typographia de Santos e Menor, [Belém do] Pará.
- BARBOSA, M. DO S.F. (ORG.). 2006. *Documentos manuscritos avulsos da Capitania de Pernambuco*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco. (Catalogo 1, 1590-1757).
- BECK, B. 1980. *Animal Tool Behavior: The use and manufacture of tools by animals*. Garland STPM Press, New York.
- BRASIL. 2001. *Manual de Diagnóstico e Tratamento de Acidentes por Animais Peçonhentos*. Ministério da Saúde, Brasília.
- BÜCHERL, W. 1980. *Acúleos que Matam*. Livraria Kosmos Editora, Rio de Janeiro.
- CASCUDO, L. DA C. 1954. Comendo formigas. *Sul América*, Rio de Janeiro, 135:6-8.
- CASCUDO, L. DA C. 1971. *Ensaio de Etnografia Brasileira*. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro.
- CASTELLO-BRANCO, C. 1868. *Memorias de Fr. João de S. Joseph Queiroz, Bispo do Grão-Pará*. Typographia da Livraria Nacional, Porto.
- CHERNOVIZ, P.L.N. 1890. *Diccionario de medicina popular e das sciencias accessarios para uso das familias contendo a descripção das causas, symptomas e tratamento das molestias; as receitas para cada molestia; as plantas medicinaes e as alimenticias; as aguas minerais do Brazil, de Portugal e de outros paizes. Sexta edição consideravelmente augmentada, posta a par da sciencia, e acompanhada de 913 figuras intercaladas no texto. Volume primeiro: A-F*. A. Roger & F. Chernoviz, Paris.
- CORRÊA, M.P. 1984. *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas. Volume I*. Ministério da Agricultura, Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, Rio de Janeiro.
- DANIEL, J., S.J. 1976. Tesouro descoberto no Rio Amazonas. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, 95(1):5-437.
- FEIJÓ, J.S. 1814a. Memoria sobre a Capitania do Seará. *O Patriota*, Rio de Janeiro, 3(1):46-62.
- FEIJÓ, J.S. 1814b. Memoria sobre a Capitania do Seará. *O Patriota*, Rio de Janeiro, 3(2):17-25.
- FERNANDES, M.E.B. 1991. Tool use and predation of oysters (*Crassostrea rhizophorae*) by the tufted capuchin, *Cebus apella*, in brackish water mangrove swamp. *Primates*, 32(4):529-531.
- FERNÁNDEZ ARRILLAGA, I. & GARCÍA ARENAS, I.M. 2009. Dos caras de uma mesma expulsión: El destierro de los jesuítas portugueses y la reclusión de los misioneros alemanes. *Hispania sacra*, Madrid, 123:227-256.
- GANDAVO, P. DE M. 1576. *Historia da provincia de sãcta Cruz a que vulgarmête chamamos Brasil feita por Pero de Magalhães de Gandavo, dirigida ao muito Ills. sñor Dom Leonis Pra governador que foy de Malaca e das mais partes do Sul da India*. Officina de Antonio Gonsalvez, Lisboa.
- HUONDER, A., S.J. 1899. *Deutsche Jesuitenmissionäre des 17. und 18. Jahrhunderts. Ein Beitrag zur Missionsgeschichte und zur deutschen Biographie*. Herder'sche Verlagshandlung, Freiburg im Breisgau.
- KLÜVER, H. 1933. *Behavior mechanisms in monkeys*. University of Chicago Press, Chicago.
- KLÜVER, H. 1937. Re-examination of implement using behavior in a cebus monkey after an interval of three years. *Acta Psychologica*, Amsterdam, 2:347-397.
- L'ÉCLUSE, C. DE. 1605. *Exoticorum Libri Decem: Quibus Animalium, Plantarum, Aromatum, aliorumque peregrinorum Fructuum historiae describuntur*. Ex Officina Plantiniana Raphelengii, Antuerpiae.
- LAET, J. DE. 1633. *Novus Orbis seu Descriptionis Indiae occidentalis libri XVIII*. Elzevirios, Lugdunum Batavorum.
- LEITÃO, H. & LOPES, J.V. 1974. *Dicionário da linguagem de Marinha antiga e actual*. Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, Lisboa.
- LEITE, S., S.J. 1945. *História da Companhia de Jesus no Brasil. Vol. IX (da Baía ao Nordeste. Estabelecimentos e assuntos locais, séculos XVII-XVIII)*. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro & Livraria Portugalíia, Lisboa.
- LENKO, K. & PAPAVERO, N. 1997. *Insetos no Folclore*. 2. Ed. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo & Editora Plêiade, São Paulo.
- LÉRY, J. DE. 1578. *Histoire d'un voyage fait en la terre du Bresil, autrement dite Amerique. Contenant la navigation, & choses remarquables, veuës sur mer par l'aucteur. Le comportement de Villegagnon, en ce país là. Les meurs & façons de viure estranges des Sauvages Ameriquains: avec un colloque de leur langage. Ensemble la description de plusieurs Animaux, Arbres, Herbes, & autres choses singulieres, & du tout inconnues par deça, dont on verra les sommaires des chapitres au commencement du liure. Non*

- encours mis en lumiere, pour les causes contenues en la preface. Le tout recueillis sur les lieux par Jean de Lery natif de la Margelle, terre de saint Sene au Duché de Bourgogne.* Antoyne Chuppin, La Rochelle.
- LESSING, G.E. 1781. *Zur Geschichte und Litteratur. Aus den Schätzen der Herzoglichen Bibliothek zu Wolfenbüttel.* Sechster Beytrag. Verlage des Fürstl. Waysenhaus-Buchhandlung, Braunschweig.
- LOPES, N. 2003. *Novo dicionário banto do Brasil.* Pallas, Rio de Janeiro.
- MAIA, L.J. DE O. 2010. *Serras de Ibiapaba, de aldeia à vila de índios: Vassalagem e identidade no Ceará Colonial – Século XVIII.* Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- MELLO, J.A.G. DE. 1982. *Manuel Arruda da Câmara: Obras Reunidas c. 1752-1811.* Fundação de Cultura da Cidade do Recife, Recife.
- MONTOYA, A.R. DE. 1639. Tesoro de la lengua guarani. Compuesto por el padre Antonio Ruiz, de la Compañia de Iesvs. Dedicado a la soberana virgen Maria... Antonio Ruiz. Iuan Sanchez, Madrid.
- MORELAND, C. & BANNISTER, D. 1993. *Antique Maps.* Phaidon Press, London.
- MOURA, L.D. DE, S.J. 2000. *A educação católica no Brasil.* Edições Loyola, São Paulo.
- MURR, C.G. VON (ED.). 1785. *Reisen einiger Missionarien der Gesellschaft Jesu in Amerika.* Johann Eberhard Zeh, Nürnberg.
- MURR, C.G. VON. 1789. Iohannis Breweri Adnotationes ad librum a me editum: Reisen einiger Missionarien der Gesellschaft Jesu in America. *Journal zur Kunstgeschichte und zur allgemeinen Litteratur*, Nürnberg, 17:260-286.
- NASCIMENTO, J.P. DO. 1907. *Diccionario Portuguez-Kimbundu.* Typographia da Missão, Huilla.
- NEBGEN, C. 2004. Christoph Gotlieb von Murr: ein Protestant erhebt die Stimme gegen die Aufhebung der Gesellschaft Jesu. *Archivum Historicum Societatis Jesu*, Roma, 73(145):121-147.
- NOBRE, G.S. 1978. *João da Silva Feijó: um Naturalista no Ceará.* Gráfica Editorial Cearense, Fortaleza.
- NOGUEIRA, P. 1887. Vocabulário indígena em uso na Província do Ceará, com explicações etymologicas, orthographicas, topographicas, historicas, therapeutica, etc. *Revista Trimensal do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 1:209-432.
- NOWAK, R.M. 1999. *Walker's Mammals of the World.* Johns Hopkins University Press, Baltimore.
- PAIVA, M.P. 1991. Os naturalistas e o Ceará: I – João da Silva Feijó (1760-1824). *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 105:21-44.
- PAPAVERO, N. & TEIXEIRA, D.M. 2011. Os animais da Província do Grão-Pará segundo um manuscrito do jesuíta Antônio Moreira (c. 1750). *Arquivos de Zoologia*, São Paulo, 42(2):83-131.
- PAPAVERO, N.; TEIXEIRA, D.M.; VIERTLER, R.V. & CHIQUIERI, A. 2011. As notas do Padre Anselm Eckart, S.J., sobre alguns animais do Estado do Grão-Pará e Maranhão. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (Ciências humanas)*, Belém (in press).
- PEFFERKORN, I. 1794. *Beschreibung der Landschaft Sonora samt andern merkwürdigen Nachrichten von den inneren Theilen Neu-Spaniens und Reise aus Amerika bis in Deutschland.* Langensche Buchhhandlung, Augsburg & Köln.
- PEFFERKORN, I. 1984. *Descripcion de la Provincia de Sonora.* Gobierno del Estado de Sonora, Hermosillo.
- PITTA, S. DA R. 1730. *Historia da America Portuguesa, desde o anno de mil e quinhentos do seu descobrimento, até o de mil e setecentos e vinte e quatro.* Officina de Joseph Antonio da Sylva, Lisboa.
- RAMOS, A.A. DE O. 2003. Um jesuíta do Barroco (1596-1671) pp. 423-437. *In: Congresso Internacional do Barroco*, 2, 2003, Porto. *Actas...* Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- RICHARD-HANSEN, C.; BELLO, N. & VIÉ, J.C., 1998. Tool use by a red howler monkey (*Alouatta seniculus*) towards a two-toed sloth (*Chloepus didactylus*). *Primates*, 39(4):545-548.
- ROCHA, V.J.; REIS N.R. DOS & SEKIAMA, M.L. 1998. Uso de ferramentas por *Cebus apella* (Linnaeus) (Primates, Cebidae) para obtenção de larvas de coleoptera que parasitam sementes de *Syagrus romanzoffianum* (Cham.) Glassm. (Arecaceae). *Revista Brasileira de Zoologia*, Curitiba, 15(4):945-950.
- SAMPAIO, F.X.R. DE. 1825. *Diario da Viagem que em Visita e Correição das Povoações da Capitania de S. Jose do Rio Negro fez o Ouvidor e Intendente Geral da mesma, Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio. No anno de 1774 e 1775.* Typographia da Academia, Lisboa.
- SANTOS, E. 1942. *Anfíbios e Répteis do Brasil (Vida e Costumes).* F. Brigueir, Rio de Janeiro.
- SILVA, J.M.P. DA. 1849. Biographia dos brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc. Sebastião da Rocha Pitta. *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 12:258-276.
- SOUSA, G.S. DE. 1938. *Tratado descriptivo do Brasil em 1587.* Companhia Editora Nacional, São Paulo.
- SOUSA, M.H.M. DE. 2003. *Missão na Ibiapaba. Estratégias e táticas na Colônia nos séculos XVII e XVIII.* Tese (Mestrado em História) – Centro de Humanidades, Departamento de História, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- STUDART, G. 1892. *Notas para a Historia do Ceara.* Typographia do "Recreio", Lisboa.
- TEIXEIRA, D.M. & PAPAVERO, N. 2010. O tráfico de primatas brasileiros nos séculos XVI e XVII, pp. 253-282. *In: Pessôa, L.M., Tavares, W.C. & Siciliano, S. (Orgs.) Mamíferos de Restingas e Manguezais do Brasil.* Sociedade Brasileira de Mastozoologia & Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro.
- TEIXEIRA, D.M.; PAPAVERO, N. & KURY, L.B. 2010. As aves do Pará segundo as "Memórias" de Dom Lourenço Álvares Roxo de Potflis (1752). *Arquivos de Zoologia*, São Paulo, 41(2):97-131.
- VASCONCELLOS, S. DE. 1663. *Chronica da Companhia de Jesu do estado do Brasil: e do que obrarão seus filhos nesta parte do Novo Mundo.* Officina de Henrique Valente de Oliueira, Lisboa.
- VEIGL, F.X. 1785. Gründliche Nachrichten über die Verfassung der Landschaft von Maynas, in Süd-Amerika, bis zum Jahre 1768, pp. 1-324. *In: Murr, C.G. von (Ed.). 1785. Reisen einiger Missionarien der Gesellschaft Jesu in Amerika.* Johann Eberhard Zeh, Nürnberg.
- VEIGL, F.X. 1788. Status Provinciae Maynensis in America Meridionali ad annum usque 1768 brevi narratione descriptus. *Journal zur Kunstgeschichte und zur allgemeinen Litteratur*, Nürnberg, 16:94-208.
- VEIGL, F.X. 1789. Conclusio descriptionis status Provinciae Maynensis in America Meridionali. *Journal zur Kunstgeschichte und zur allgemeinen Litteratur*, Nürnberg, 17:17-181.
- XAVIER, M.O. 2010. Índios e jesuítas na aldeia da Ibiapaba (1700-1759). *Revista Historiar*, Sobral, 2(1):43-62.

Recebido em: 14.05.2011

Aceito em: 23.09.2011

Impresso em: 16.12.2011



Publicado com o apoio financeiro do Programa de Apoio às Publicações Científicas Periódicas da USP

ANEXO 1

Leitura diplomática das “*Adnotationes*” do Padre Johann Breuer (1789)

[Página 260]

Ad pag. 24. Bejúco: in Brasilia vocatur *Sipó.*/ Vidi aliqua talia vimina crassa ad instar brachii/ humani ordinarii. *Pag. 64. Lignum hujus arbo-/ris:* (in Brasilia vocatae *Nhanypába*, uti etiam/ ejus fructus:) detracto cortice est solidum et can-/didissimum: ejus fructus magnitudine fere aequat/ poma nostratis ordinaria, sed figurae est oblon-/gioris: in orbiculos discissus, saccharoque insper-/sus, et aeri nocturno expositus, maneque sumtus/ saporis est non ingrati admixtam habens aliqualem/ acrimoniam tamquam piperis. Dicitur corroborare/ stomachum. Ex illo quoque elicitur vinum cre-/matum fortissimum. Primo die, quo Indi hoc/ succo tinguntur, color ejus videtur esse cinereus./ facillimeque contrahitur a manu illos etiam levi-/ter tantum tangentes; altero die evadit nigerr-/mus, praesertim si aliqui pulvilli ex carbone con-/trito huic succo admixti fuerint, nec jam manui//

[Página 261]

contractandis adhaerescit. Post 15 aut plures dies/ ater hic color paulatim evanescere incipit, ap-/parente vultu eorum (praesertim si illum totum/ succo hoc insecerint), tam pallido, ac si ex pro-/lixa et gravi infirmitate convalescerent. Legeram/ nescio, an in *Chronica do Brazil P. Simonis del Vasconcellos*) scripturam hoc succo exarata lapsu/ temporis omnino evanescere: experimentum/ facturus scripsi quaedam, quae studiosè seposita,/ et aliquoties, immo post quatuor, si non plures/ annos, inspiciens reperi illa semper tam integra,/ ac si eodem momento scripta fuissent. *Pag. 65./ Chambu, Brasiliae: Urucu. Pag. 146. Maiz, Bra-/silicae: Abati. Pag. 149. Mandioca* sunt pluri-/mae species: nomine earum non recordeo ampliùs./ Aliae citiùs; aliae tardiùs ad perfectionem per-/veniunt, seu, ut ità dicam, maturescunt. In/ missione *Ybyapába* biennium ferè inter plantatio-/nem et collectionem intercedat necesse est, alibi/ menses 15, alibi 12, alibi 9, pro conditione sci-/licet terrae, et speciei: quamquam improvidi/ Indi, semperque famelici hanc radicem valde ad-/huc exilem in necessitate è terra quovis tempore/ eruant cum dispendio laboris in plantando insum-/ti. *Pag. 165. Papaya. Lusitanis: Mamaõ. Ma-/mo-éira* arbor est duplex: *femina*, quae fructum;/ *mascula*, quae nullum producit. *Pag. 179. Co-/payba.* Servit etiam in pictura loco olei linei.//

[Página 262]

Pag. 184. Reperitur in Seará lignum solidum et/ durissimum, coloris nigri, quod dum elaboratur,/ graveolentiam exhalat ad instar excrementi hu-/mani: jam pridem elaboratum, etsi naribus ap-/plicitum, foetor est vix sensibilis. Similem foe-/torem emittunt, qui ibidem mense Novembri co-/medunt fructum quemdam coctum, à Brasiliis voca-/tum *Pikiá*, magnitudine pomo ordinario non ab-/similem. *Pag. 201. Numquam vidi aut audivi/ Brasilos* valdè apertentes carnis simiarum (gene-/ricè vocantur *Caĩ*) est enim communiter caro/ earum macerrima: immò intersectas vidi ab illis/ tamquam rem inutilem abjectas fuisse. Reperitur/ in Brasilia species simiorum, *Guariba* dictorum,/ longitudine corporis 2 circiter palmos aequante,/ vultu et pilis capitis nigris, reliquo corpore fla-/vo. Vociferatio horum est talis, ut in distantia/ mediae horae clarissimè percipi possit. Audiens/ primà vice hunc clamorem, putabam me audire/ PP. Capucinos in numeroso choro laudes Deo/ decantantes; tam perfecte horum PP. cantum/ aemulari mihi videbantur. Interrogavi socios/ itineris mei, quid hoc esset? Responderunt, esse/ unicum tantum *Guariba* caeteris principaliolem,/ qui hunc clamorem ederet, dimissa ex utraque/ oris parte saliva, quam adstantes reliqui folio/ arboris abstergerent. Hoc observavi: simios nul-/lo modo adigi posse, ut bibant vinum crematum.//

[Página 263]

In hoc popularibus suis Indis maximè dissimiles./ Mirandum, qua cautela et subtilitate ovum ape-/riant, ut amotà putaminis parte, illud sorbeant;/ ostreum vero adepti statim lapidem aut simile/ quid quaerunt, quo illud omni vi sua tamdiu/ pulsant et tundunt, donec confractum fuerit./ *Pag. 210. Danta.* Vidi pellem hujus

animalis/ recenter occisi, 5 ad minimum pollices crassam/ ad cervicem. Aliam habui cujusdam ex utero/ materno exsecti, quae praeparata crassitudinem/ corii bovini aequabat. Caro ejus comesta dicitur/ prodesse lue venerea laborantibus; fumus vero ex/ illius stercore excitatus apoplexia tactis. *Pag.* 218. A. 1755, mense Majo cum apud Lusitanum diver-/satus narrarem, me in itinere meo ferè quotidie/ deprehendisse vestigia pecudis à tygride raptae,/ hoc tamquam rem ordinariam et frequentissimam/ despiciens dixit, a se illo anno 180 circiter tygrides, partim grandiores, partim minores inter-/sectas fuisse. Mense Julio illac iterum pertransiens/ reperi exuvias tygridis, ab eodem homine ante/ biduum triduumve occisae, quarum magnitudo/ nominibus meis Indis stuporem causavit. Longi-/tudo pellis à cervice ad caudam exclusivè erat/ 22 palmorum meorum non mediocrium. *Pag.* 223. *Gallinazo*. Brasiliis *Urubù*: avis maximè foetens:/ harum Regina (sed rarissima) dicta *Urubutinga*,/ ac quod sit alba, dicitur à caeteris expectari, do-//

[Página 264]

nec prima ex morticino comederit. Insidiantur/ vitulis sic dicto stabulo, aeri undique pervio in-/clusis, quibus oculos eruunt; quod ne fiat, a ca-/nibus ad hoc instructis, et ad vitulorum custo-/diam excubantibus fugantur. Si quis in campo/ ventrem s. v. exoneret, proximè accedunt, homi-/nis abitum impatienter expectantes, ut relictum/ recentem bolum auferant. *Pag.* 228. Brasili nidos/ hos pensiles vocant, Iurupari Keçaba, h. e./ *Diaboli lectus*. *Pag.* 231. Perdices hae, Brasiliis/ *Ioëi*, latente plerúmque sub gramine, ad quod/ proximè accedentem equum subito avolatu suo/ exterrant, saepiusque sesiori gravem lapsum cau-/sant. Vidi ego Indum inspectá ejusmodi per-/dice ter circumire locum, in quo latebat, prin-/cipio quidem remotius, sed semper appropin-/quando propiùs, donec bacilo percussam occidit./ Cujus rationem dabat, quod perdix haec irretor-/tis semper oculis aspiciat id, quod se movet, nec/ priùs loco se moveat, quam manibus fere appre-/hendi possit. *Pag.* 239. *Cascavèl*, Brasiliis: *Boi-/tininga*, h. e. serpens siccus: est satis cicur;/ non mordet, nisi tangatur; non assalit, uti qui-/dam alii; immò recreationis causa in pectus/ erecti, et tintinabula sua quotientis caput sci-/pione meo huc illucque movi. Venenum ejus/ est maxime mortiferum, intrà duas, aut tres ho-/ras, vel etiam citiùs vitam adimens praecipue//

[Página 265]

in Novilunio, et Plenilunio, aut si coitum ap-/petat. Notavi, cadavera morsu serpentino inter-/emtorum citiùs et multo ejus foetere caeteris./ Mira veneni serpentini qualitas! Universim a ser-/pente icto cavendum maxime, ne, donec plane/ convaluerit, mulier ad ipsum propiùs accedat,/ praesertim si gravida fuerit, aut menstruo labo-/ret; hoc enim casu virus maximum incrementum/ sumit, atque in extremum vitae periculum ad-/ducit. Tintinnabula illa, quae habet *Boitininga*,/ non nascuntur in tergore, sed sunt extremum/ caudae ipsius. Nescio, quo fundamento vulgo/ dicatur, illa quolibet anno articulo uno augeri:/ quis enim rei hujus testis ocularis? Varii, quos/ vidi, erant ad minimum longitudinis 5. 6, aut/ plurium palmorum. Scio Indam, quae caput/ hujus serpentis a corpore (quanto jam tempore,/ nescio) ressectum in via offendens dum illud arti-/culis pedum elevat (ut Indorum mos est, ne se/ inclinare teneantur) morsu infixio, ex quo obiit,/ curiositatem hanc fuisse. Vidi ergo serpentem bi-/cipitem, si a monstrantibus mihi illum deceptus/ non fui, sic dictum, non quod bina capita ha-/beat, sed quod utraque extremitate sua mordere/ dicatur: longus erat sesquipalmum circiter, cras-/sus bonum pollicem, figura et colore nostris lum-/bricis non absimilis. *Pag.* 240. In Brasilia repe-/ritur alius serpens aquaticus, *Yboia* dictus, ultra//

[Página 266]

20 palmos longus, bovem integrum paulatim/ deglutiens: modus evadendi ejus implexus est cul-/tro ejus corpus incidere. *Pag.* 243. *Comejèn*, Brasiliis *Copin*, Afris *Salalé*: Delicatus eorum ci-/bus est lignum abiegnum, quod ex Europa im-/portatur. *Pag.* 244. *Cucuracha*, Brasiliis *Arabè*,/ foetidum animal, atramentum exsugit, iterum-/que illud vomens omnino inficit; corium, quo/ libri compacti sunt, rodit et consumit, cui dam-/no praecavendo Bibliopegi glutini piper insper-/gunt. *Pag.* 244. Brasiliis *Túnga*: Audivi de *Rochol Antunes*, homine in *Parananbúcca* nobili, quod/ ob hunc vermiculum tarde mori compulsus fuerit,/ abscisso primum ejus digito majore; deinde pede;/ denique tibia. *Pag.* 250. Inter caeteras Brasiliae/ apium species memorabilior mihi videtur *Tobil* dicta: ipsius mel etsi caeterarum melle atrius et/ spissius, est tamen dulcius; cera autem flava, cum/ aliarum apium cera

alia atrior sit: sed ad illam/ a faecibus expurgantam circumstantia opus est,/ quae superstitiosa videri posset, et ego nunquam/ credidissim, nisi experientia didicissim. Missi Indi/ ad conquirendam ceram pro usu Ecclesiae et do-/mus, contigit, ut singuli fere hanc specificam ce-/ram afferrent, quae more solito cocta tantum ab-/fuit, ut a sordibus purgari potuerit, ut potius/ omnia deperdita fuerint. Fortuito loquens de hoc/ successu Missionarius *Tapuyiae* cuidam, hic quaesi-//

[Página 267]

vit, num ex hac cera adhuc cruda aliquid resi-/duum haberet? quod acceptum postera die defae-/catum et limpidum a se referendum promisit. Re-/tulit; interrogatusque, modum in praeparanda/ hac cera adhibitum, respondit: necesse est, ut il-/lam purgare volens nocte illa ab opere conjugali,/ et quacumque naturae necessitate, sive majore,/ sive minore, abstinerit. Sit fides penes Indum./ Hoc igitur modo puer ille domesticus, qui hacte-/nus illam a faecibus separare nequiverat, illam/ deinceps purgavit, limpidissimamque ceram e coctio-/ne produxit. *Pag.* 286. Dantur etiam in Brasilia/ culices, qui aculeo suo duplicem vestem cum/ indusio perforant. Non memini, in domibus Mis-/sionum me umquam a culice punctum fuisse, li-/cet pedem domo vix efferens eorum aculeos/ satis senserim. *Pag.* 268. Quin vidi aliquando 3,/ aut 4 Indos in lacu pisces insecutos, solisque/ manibus apprehensos in terram eiecisse tot, quot/ mihi pro prandio abundè suffecerunt. *Pag.* 269./ Caiman, etiam a Brasiliis vocatur *Iacarè*. Inve-/niuntur in illis capite duo globuli candidi bene/ olentes; sed ob nimiam activitatem mihi graves/ acciderunt. Sub aqua dicitur nemini nocere posse:/ ejus dens collo appensus antidotum est veneni/ incaute sumti: ejus orbes, in quos sectus fuerat,/ vidi post duodecim horas adhuc se moventes,/ quae saltitare vellent. Timet summopere tygri-//

[Página 268]

dem; ideo Indi flumen crocodilis infectum tra-/naturi vocem tigridis imitantur, qua audita cro-/codili ad fundum aquae descendunt. *Pag.* 272. *Pania*, Brasiliis *Piránha*, id est, forfex, piscis/ quoad formam et magnitudinem carpionibus no-/stris non absimilis; os in medio habet instructum/ duobus in superiore, et duobus in inferiore parte/ dentibus largis adinstar unguis humanae digiti/ auriculares: vix guttam sanguinis persenserunt,/ cum statim adest eorum agmen equum cum sesso-/re unico fere momento discerpentes. *Pag.* 278./ *Mossato*, Brasiliis *Caoí*, leg. *Kauíhn*. *Caoí tatál* vini ignis, i. e. vinum crematum, cujus Indi sunt/ supra omnem modum amantissimi. *Pag.* 456. Hic/ *Rocha Pita* exiguum fidem meretur: grandiloquus/ enim phrase quaedam ultra veritatem exaggerat,/ quaedam omittit. Ita mihi dictum fuit a Patribus/ Collegii nostri, dum 1743 in *Rio de Janeiro* ho-/spes illum legerem linguae Lusitanae addiscendae/ causa. *Pag.* 460. Vocat Capucinos, deceptus for-/te a vocabulo Lusitano *capúcho* (leg. *capútscho*)/ capucium, quo indicantur Franciscani. Capucini/ in Lusitania specificè vocantur *Barbadinhos*./ *Pag.* 533. Bombacium Americanum Indico in sub-/tilitate et candore multum cedit. *Ibid.* in Brasilia/ alia sunt flava, alia rubra, flavis paulum majora, sed/ mustu aliquantulum inferiora: illa, postquam in frutice/

[Página 269]

primum enasci conspiciuntur, 5 integros menses/ insumunt, antequam edulia abscindi possint; haec/ (rubra) 5 menses, et 15 dies. Abscissa domi per/ aliquot dies, recisa coronâ, asservanda sunt, ut/ acrimoniam aliquam amittant. Praecipuum horum/ fructuum tempus est November, December, et/ Ianuarius, etsi aliis mensibus unus etiam aut al-/ter, sed rarò, inveniatur. Loquor de Missione/ Ybyapába, ubi ultra 600 plantavi. Frutex hic/ non facilè à sole exsiccat: quidam à me ab-/jectus, et ultra bimestre soli ardentissimo relictus,/ deinde iterum terrae immissus radices egit. Unde/ puto, plantam hanc corbi, aut cistae sinè ulla/ terra inclusam ex America in Europam facillimè/ inveni posse. *Pag.* 535. Si *Pacôba* in orbiculos/ scindatur, ex utraque parte orbiculi apparet in/ medio quaedam quali imago crucifixi, sed valdè/ imperfecte. *Pag.* 545. *Papagayo real*, *para Por-/tugal*; quem (l. kén) *passa*, *el Rey*, *que* (l. ké)/ *vai à caça* (l. cassa) Brasili psittacos nomine ge-/nerico vocant *patyra*. Y in lingua Brasilia pro-/nunciandum est ut ü gallicum, immo gutturalius/ aliquantulum. *Pag.* 584. et 85. Brasil/i tonitruo vo-/cant: *amána pororócca*, pluviae murmur sive/ strepitum; fulgur *amána berába*, pluviae splendo-/rem. Nullibi audivi talem, et tam continuatum/ tonitruum fragorem, quàm *Ybyapábae*; primo bom-/bo inter istas alpes adhuc reboante, mox alius for-//

[Página 270]

tior et vehementior supervenit, ità ut domus tota/ contremiscat. Quoties mihi in lecto quieto jacere/ non licuit? Et hoc à principio Februarii ad finem/ usque Aprilis singulis ferè diebus ab horá 2da,/ aut 3tia pomeridiana, ad 4tam et 5tam matuti-/nam. Toto tamen decennio numquam audivi aut/ Indum, aut domum aliquam in pago Missionis/ fulmine tactam fuisse. Hominem larvatum vocant/ Indi *Iurupari obà*, Daemonis faciem. Quantum/ conjicere potui, puto, magnam differentiam in-/tercedere inter *Anhãnga* et *Iurupari*; prima enim/ vox raro ab ipsis, et non nisi maximè iratis au-/ditur, cumque profertur, signa ostendunt majo-/ris cujusdam horroris, quam cum *Iurupari* no-/minatur. Sulphur vocant *Anhãnga repotì*, Dia-/boli excrementum./

Aliae Adnotationes.

Pag. 18. Quid? Si quis ejus nomen ab his/ duobus vocabulis Brasilicis: Marã, *malum*, et/ Nhó, *tantum* vel *unice* derivare vellet?

Pag. 69. Incredibilis in Europa videbitur/ tam magnitudo, quam multitudo vespertilionum/ Americanorum, et damnun quod inferunt. Qui-/dam ab extremitate unius alae ad alteram duos/ palmos excedunt. Cum in imensa illa sylva-/rum vastitate plurimae sint arbores intus cavae, //

[Página 271]

vespertilionum receptacula, seduli bubulci ad has/ attendentes foramina obstruunt, easque incendunt./ Nec arbores tantum, sed et antra rupium his/ sordidis animalibus repleta sunt, uti mihi narra-/vit P. Franciscus de Sampayo, qui eorum unum/ in praedio, *Canindé* dicto ingressus fere genuum/ tenus in excrementum illorum incidit. Sunt etiam/ loca quaedam ab his adeo infestata, ut nec à pe-/coribus, nec ab hominibus habitari possint./ Animalia macilenta eorum morsibus magis, quam/ obesa exposita sunt: cujus rationem hanc dabant/ rerum periti; quod pinguedo impediatur, ne tam/ facile dentem in venas immittere possint, ut in/ macilentis. Saepe in itineribus meis equi mise-/rationem mihi moverunt, videns eos noctu à ve-/spertilionibus utrimque ad radicem caudae tam/ crudeliter punctos fuisse, ut copiosus cruor ad/ terram usque maneret. Nescio, quem fructum/ vespertilionum mense Novembri comedebant, cujus/ excremento in missione *Ybyapãba* altaria inficie-/bant, apparentibus plurimis maculis glutinosis,/ et transparentibus, tamquam si esset vernix, in/ cujus medio visebatur exiguum semen tamquam/ foeni./

Pag. 135 et 136. In Provincia *Searensi*, sive/ *Cearensi* (quae est ultima ad Capitaniam genera-/lem *Paranambúca* pertinens, Maragnonis versus//

[Página 272]

Septentrionem, et Occidentem contermina, intra/ 3tium circiter, et 5tum Latitudinis meridionalis/ gradum sita) anni tempestates hoc fere ordine/ contingunt. Mense Octobri exiles aliquae plu-/viae guttae quandoque decidunt, quas Lusitani,/ *cordaõ de S. Francisco*, Chordam S. Francisci, et/ etiam *chouveiro de Acajù*, id est, pluviusculam/ pro Acajù (qui est fructus, qui ibidem tunc in-/cipit maturescere) appellare consueverunt. Mensi-/bus Novembri, et Decembri audiuntur quando-/que tonitrua, et decidunt imbres spissiores, ad/ quorum quamlibet fere guttam humi saltitare in-/cipiunt ranuli seu parvi bufones, qui paucò ab-/inde tempore in prodigiosam magnitudinem ex-/crescunt, ita ut pileo vix tegi possint. Tempore/ siccitatis reperi aliquos unum aut alterum pedem/ sub terra latitantes. Mense Januario tonitura, et/ pluviae solent esse frequentiores, à medietate au-/tem Februarii ad finem Aprilis usque quotidianae./ Memini, me anno, ni fallor, 1751 a 14ta Feb-/ruarii ad 30ma Aprilis solos duos dies sine plu-/viã in missione *Ybyapãba* numerasse; quaelibet/ gutta decídua est fere ad instar nucis avellanae./ Contigit mihi semel, ut ab audita moribundae/ confessione in tali imbre domum rediens, etsi/ illa ultra tres jactus lapidis certo non distaret,/ ego insuper umbella protectus essem, totus tamen/ ad cutem usque madefactus fuero, ita, ut statim//

[Página 273]

alias omnes vestes induere necessarium fuerit. Mense/ Majo pluviae rariores sunt, Iunio rarissimae, Iulio,/ Augusto, et Septembri caelum est sudissimum: et si/ hoc tempore pluat, (quod semel tantum intra/ decennium contigisse memini, ultimis duobus/ Iulii diebus tam copioso imbre cadente, ac si/ media hyems fuisset, qua phrasi tempus pluviosum/ ibidem nominari consuevit) est valde nocivum/ pabulo armentis necessario; putrefacit enim foe-/num, et gramen exigua hac humiditate noviter/ pullulans ob solis ardorem maturescere non po-/test; sicque pecora, quae diu noctuque in cam-/pis, et sylvis ad quaerendum sibi pabulum relin-/quuntur; ad extremam maciem rediguntur, et in-/edia pereunt. Maximi tamen hominibus infelix/ est continuata siccitas, qualis in *Séarà*, et aliis/ longe lateque circum jacentibus regionibus fuit/ anno hujus Saeculi 45to, quo toto anno, dubito,/ an duodecies pluerit; pereuntibus pluribus peco-/rum millibus tam defectu pabuli, quam aquae./ Accedebat, quod neglectus ignis usque adeo sub/ terra exsuccas, et sibi innexas arbustorum radices/ corripere, et paulatim consumeret; unde non uni/ contigit, ut super has partes incedens subito in/ latentem sub illis foveam inciderit, pedesque/ ambuserit. Notandum in oppido hujus Capitaniae/ principali, *Agoaikyra* dicto (Lusitani corrupte:/ vocant *Aquirás* l. Akiràs) et ejus vicinia pluviam//

[Página 274]

communiter incipere ad solis occasum, et durare/ usque ad meridiem sequentis diei; in missione/ Ybyapàba 80 Leucis, seu horis itineris inde di-/stante duobus, aut tribus horis post meridiem,/ et cessare circa 6tam aut 7mam matutinam./ Quem metum tonitrua etiam maxime horrenda/ Indis soleant incutere, ostendit ludus, nostro/ tudiculari (vulgo *Billiard*) non absimilis, quem/ seposita omni veste effusissimos imbres humi lu-/dentes Indos saepius vidi assumtis loco globulo-/rum nucibus palmae cujusdam rotundis, et du-/rissimis. Notandum praeterea Regionem *Searen-/sem* esse terram maxime siccam, ita ut risum/ mihi saepius moverint delineati in mappis Geo-/graphicis Homanni, Lotteri, aliorumque tot flu-/vii, ut *Mondaò*, *Siopè*, *Searà*, etc. qui omnes non sunt, nisi exilia maris brachia per has aper-/turas se in terram ad aliquot leucas hic paucio-/res, alibi plures introducentis, et abundantia aqua-/rum pluviarum per easdem recipientis. A mis-/sione Ybyapàba, notata in mappis erronee/ *Tabaxares* (l. Tabajàras) ad *Rio grande* usque (quod est spatium 200 Leucarum) ne tenuissimum/ quidum rivulum offendi, immo in variis locis/ aquam ob salsuginem vix potabilem. Vidi, quod/ potius est, equos alicubi, etsi fiti confectos/ illam respuentes. *Poty*, magnifico magis, quam/ a Lusitanis vocatus *Rio grande*, mense//

[Página 275]

Augusto tanta aqua abundabat, ut ea altitudinem/ unius pedis vix superaret. Inde duabus circiter/ Leucis ad Litus maris sita visitur civitas Nativi-/tatis (*Cidade do Natal*) metropolis hujus Capi-/taniae, quam ironice vocant: *Cidade que não hel tal*, civitas, quae non est talis. Abhinc usque/ *Paranambuca* (quod est intervallum 68 Leucarum)/ duos tantum offendi rivos, quos in *Cauà* traji-/[cere] oportuit. Totam hanc oram maritimam/ nautae 4 aut 5 dierum spatio commode enavi-/gant impellentibus versus septentrionem ventis,/ et undis; sed *Paranambucam* remeare hoc opus,/ hic labor est, in sumendo quandoque in hoc/ reditu 70 dies; quodsi 30 tantum, felix et breve/ iter reputatur./

Pag. 143. Pacòva sive *Pacoba* est vox Brasi-/lica: confundunt enim saepe Brasili v cum b./ Sicut etiam b cum m. Lusitani eam vocant *Ba-/nána*, in India Orientali *Figo*, sive ficum. In/ orbiculos secto hoc fructu, exu utraque parte/ sectionis apparet quae imago Crucifixi, sed valde/ imperfecta. Caseus cum *Banána* comestus Lusita-/nis adeo sapidus est, ut dicere soleant: si in/ Batavia Bananae nascerentur, nullos amplius ca-/seos vendendos, sed omnes à Batavis solis absu-/mendus fore.//

[Página 276]

Pag. 152. Lin. ult. loco Manóvi, lg:/ *Mandobi*, Mandobíha./

Pag. 154. Granadilla haec umbra sua praebet/ serpentibus amicam receptaculum./

Pag. 162. Puto, sed non afirmo, hac pal-/mam Chambira eandem esse, quam Brasili vocant/ Tucũ, leg. Tucũhm, ex qua fortissimos funiculos/ conficiunt./

Ibidem. Mirabile, quomodo arbores tam pro-/cerae, tot nucum onere onustae ventis quan-/doque validissimis resistant, ne eradicentur; radi-/ces enim non profunde sub terram agunt, sed/ exiles valde ad superficiem fere arenae longe late-/que per modum filaminum projiciunt. Reperi duas/ harum arborum in loco à mari, cujus sunt aman-/tissimae, ultra 100 Leucas remoto. In plantatio-/ne harum nucum observavi unam 15 mensibus/ sub terra latuisse, antequam progerminaret. Ante/ septimum annum non proferunt fructum. Folia ser-/viunt in reparando fundo externo navis, venditur-/que quodlibet in portubus Brasiliae 3 crucigeris./

Pag. 164. Palmito vescebamur in missione/ Ybyapaba diebus esurialibus loco piscium, qui/ ibidem nulli sunt, mireque sapuit.//

[Página 277]

Pag. 199. Talium Cabucũma, Brasiliice Ta-/jacu magnum gregem semel obviam habui, ex/ quo duo canes mei comites porcellum interfece-/runt, qui ad caenam modico sale inspersus, et/ alius mihi sapidior erat carne gallinacea, eum ad/ prandium defectu salis non multum sapuisset./ Quandoque unicus homo crasso baculo armatus/ magnum eorum numerum occidit, dummodo con-/sistat in loco aliquantulum edito, quo dentibus/ suis ad pedes ipsius offendendos pervenire non/ possint. Eorum porcelli cicurantur etiam usque/ ad fastidium.//

Pag. 203. Perrico ligero, Brasili Ay, Lusi-/tanis Preguica, sive pigritia./

Pag. 208. Sagoĩ, leg. Sagoihn, sunt frigris/ impatientissimi. Novi ego quemdam, qui, cum/ exeunte mense Aprili Lusitaniae appropinquare-/mus, ejusmodi simiolum inter vestes et carnem/ gestabat absconditum, ut eum à qualibet frigi-/diuscula aura protegeret./

Pag. 211. Tamanduà, Brasiliice./

Pag. 213. Armadillo, Brasili Tatũ./

Pag. 215. Zorillo, Brasili Miritaiũca. Foe-/tor ejus vere infernalis ad modum densae nebulae/ non solum nares, sed etiam os sensibiliter implet,//

[Página 278]

etiam ad distantias fere unius Leucas, praecipue/ si ventus à parte animalis spiret versus homi-/nem. Dicitur hic foetor inesse ipsius Urinae,/ qua unice se tuetur contra quoscunque adver-/sarios suos. Quidquid hoc humore respersum/ fuit, etiam per semestre libero aëri expositum,/ foetere tamen omnino non desinit. Ceterum ani-/mal hoc est adeo cicur, ut cujuslibet manibus/ se comprehendi patiatur./

Pag. 222. Tigrillo, Brasili Maracajã.

Pag. 225. Quaquamayo ex descriptione puto/ esse, quos Brasili vocant Canindẽ; speciosa avis,/ gallo gallinaceo major. Non invenitur ubique./ Missionem Ybyapaba rarissima praetervolat, etsi/ inde 30 Leucis versus occasum tant sit earum/ multitudo, ut propter illarum garritum socii mei/ verba saepius difficulter percipere potuerim./

Pag. 229. Piuri, ni fallor, Brasili est mutũ, / leg. mutũhn./

Pag. 232. Harum columbarum sylvestrium/ (quarum plures dantur species) tantam aliquando/ multitudinem offendi, ut subito avolatu suo me,/ et equum exterruerint, et tamquam densa nubes/ diem fere illo temporis momento eripuerint. Non/ mihi videbantur magnitudine excedere nostrates/ passeris.//

[Página 279]

Pag. 233. Forte haec *ciguanga* est, quam in/ Brasilia vocant *Toucã* leg. Toucáhn, timidissima/ avis, cujus rostrum levissimum majus est toto/ corpore./

Pag. 235. Mensibus Martio, et Aprili floren-/tibus arboribus malorum aureorum circa solis/ occasum videbam infinitas has aviculas flores/ hos circumvolitantes. Nihil magis affabre factum/ quam earum nidulus, nec quidquam pulchrius/ ilarum pennis. Apem corpore vix excedunt./ Brasilice *Gouanabyti*.

Pag. 238. Inter aves aquaticas numeranda/ est etiam *Colhereira* à Lusitanis dicta, ob rostrum/ unius fere spithamae longitudinis in rotundum/ ad modum cochlearis rotundi desinens./

Pag. 242. Inter aves ophiophagas una à Bra-/silis vocatur *Guacuã* leg. Guacuáhn, quae dum/ hoc nomen suum cantando repetit; serpentes/ metu percusi ad latibula sua se recipere dicun-/tur. Rostrum ejus 3 circiter pollices longum,/ omniaque ossa ejus tamquam antidotum asservari/ solent./

Ibid. Aranea haec major à Lusitanis dicta/ *Aranha Caranguejeira*, h. e. Aranea Cancrina,/ pedes fere habet ad modum Cancri, sed multo/ crassiores ob pilos nigros, quibus undique tecti//

[Página 280]

sunt, quorum quilibet si carnem tantummodo/ tangant, dicitur causare dolores intolerabiles:/ quemadmodum etiam certae quaedam erucæ pi-/losae in Brasilia. Scorpionum (Lusitanis *Lacrãia*)/ ictum mortalem numquam esse in Brasilia, mag-/nos tamen febriles dolores 24 horis ciere saepius/ audiui. Iucundum spectaculum mihi fuit videre/ talem à parvulis formicis undique cinctum ex-/erto aculeo se ab illarum morsibus irritato conatu/ expedire conantem, nec tamen potentem. Est et/ aliud venenosi insecti genus in Brasilia (Lusitani/ illud vocant *Piólho de cobra*, h. e. pediculus ser-/pentis), quale semel inveni in mensa mei cubi-/culi: longum erat circiter sesqui palmum, latius/ aliquantulum uno pollice, à capite ad extremum/ usque corporis pedibus parvis, flavis, et conti-/nuis ex utroque latere instructum; unde merito/ vocari posset centipes vel millepes. Incipiente/ pluvio formicae alatae conspiciuntur apibus nostris/ magnitudine fere pares, quas non solum Indi,/ sed etiam Lusitani in cacabo tostas edunt: ubi/ hae requieverint, modico tempore ingens formi-/carium oritur, quod quandoque ad plures Leu-/cas extenditur, domorum non raro, et Ecclesia-/rum fundamenta subruendo. Novi ego Patrem,/ cujus in missione socius aliquamdiu fui, qui tem-/plo domique à formicis timens in medio pagi/ magnam foveam aperiri jussit, eamque ossibus,//

[Página 281]

cornibus, coriis, et similibus magis fumum exci-/tantibus, quam ignem alentibus materiis repleti,/ qui fumus magnis adhibitis follibus per aliquot/ hebdomades continuas adigebatur permeare mea-/tus subterraneos, missis interea circum quaque/ ad duas Leucas Indis, qui ad erumpentem è ter-/ra fumum attenderunt, foraminaque obstruerent./ Hoc modo si formicas omnes non delevit, maxi-/mam tamen earum multitudinem extinxit. Haec/ formicarum plaga à Capitania spiritus sancti ver-/sus Austrum non adeo molesta est, inde vero/ versus Boream perniciosissima: unde fit, ut mul-/tae plantae Europaeae, v. g. Vitis, ibidem ex-/coli non possint, quia vel minima incuria ad-/missa à formicis una nocte omnia destructa repe-/riuntur./

Pag. 281. *Tobajárae* saltationes suas ordina-/rias, quas *poracéa* vocant, sic instituunt: In/ domo, aut ante ejus fores, ubi potatio indicta/ est, convenientes viri, alii pennis ornati, alii/ non; alii corpora picti coloribus suis nigro, aut/ rubicundo, alii non, prout cuilibet visum fuerit,/ circulum efformant, à quo nullus, sive invita-/tus fuerit, sive non, excluditur. Omnes commu-/niter infra genua, et quidam etiam paulo supra/ utrumque pedem gestant cinctorium constans ex/ meris filis, quibus inserti sunt ad longitudinem//

[Página 282]

medii palmi cortices durissimi cujusdam fructus,/ Agoai dicti, secundum longitudinem in duas par-/tes secti, estque fere ad instar putaminis nucis/ avellanae; quocumque autem motu instar crotali/ crepitat. Praeter haec quilibet manu tenet suum/ Maracà, quod est Cucurbita, continens intus ali-/quot minutos lapillos, aut nucleos duros, im-/misso per ejus medium paxillo, et ex altera parte/ prominente, quo tamquam capulo manu teneri,/ et concuti possit ad ciendum strepitum. Princi-/cipio omnes stant velut meditabundi capite versus/ terram aliquantulum inclinato, quatiante subinde/ sed leviter suum maracà, donec tandem Nheenga-/ruba (Linguae-/Pater, qui nostro symphoniaci-/rum Praesidi comparari potest) talem, aut simi-/lem versum, v. g. Guyra goaçù oimondo ogoa-/biu rece acipiter jussit afferri sibi suam cri-/stam) Oestro poetico percitus voce omnino sub-/missa cantare incipiat, quem reliqui eodem tono/ repetunt; Deinde cum omnibus idem repetit al-/tius aliquanto attollendo vocem, et sic tertio,/ et quarto, donec tandem pleno pectore vocem/ omnem liberam emittant; concluduntque hoc/ fere epiphonemate: He, He, He, He. Mulieres/ hominibus à tergo, vel etiam in parte separata/ circumstantes, cum ad hoc Epiphonema perveni-/tur, voces suas adjungunt, solis viris versicu-/lum cantandum relinquentes. Inter cantandum//

[Página 283]

autem pede nudo tam fortiter terram pulsant, ut/ saepius in meo cubiculo, dum poracea erat in/ vicinia, pulsus hos distincte percipere, et do-/mum quasi trementem sentire potuerim: nullus/ interim loco suo se movet. Eademem Cantilenam/ repetendo dies, et noctes fere integras insumunt;/ mihi in aliquali distantia hic cantus non dis-/plicebat miranti saepius eorum in contando con-/sonantiam, nemine voce discordi illam pertur-/bante, nec subsequendo. E con-/tra Tapuyiae in saltationibus suis gestus incondi-/tos efformant modo antrorsum, modo retrorsum/ maxima corpore agitatione saltando: tono utun-/tur duro, qui magis horrore excitat, quam/ delectationem auribus praebet. Habent etiam/ Tabajàrae aliud saltationis genus, ybyrá-motúca/ vocatum, quod nonnisi rarissime vidi. Omnes/ baculis, seu scipionibus crassis procedunt; viri/ mulieribus permixti, et in duas longas lineas/ divisi, cujus utriusque lineae caput, et dux est/ unus ex Indis principalioribus, in quorum medio/ incedit Tympanotreba, ad cujus certum pulsum/ uno eodemque tempore alter alterius se subse-/quentis baculum suo tangit. Fiunt etiam variae/ evolutiones, modo unum latus aliud saltando/ totum circumeuntes, nunc per spiras hic irrum-/pentes, et vicissim: et rursus se in ordinem,/ quem primo tenuerant, restituentes. Nulla in-//

[Página 284]

terea vox auditur. Interim Brasilis ad confusio-/nem multorum Europaeorum hoc laudi tribuen-/dum est, quod integro tempore Quadragesimae/ in honorem Passionis D. N. I. C. à saltationibus,/ aliisque ludicris se abstineant./

Pag. 282. In libro baptismali missionis Yby-/apaba inveni singulis annis baptizatos parvulos/ circiter 320. Numerus puerorum, qui hoc anno/ parum à puellis superabatur, alio anno ipsas vin-/cebat: ita ut excessus unius sexus prae altero/ mihi pro nihilo ducendus videretur. Fuit anti-/quitus apud Brasilos in more positum, ut pari-/ente uxore maritus decumberet, cui à puerpera/ ministrandum erat; post longam diligentiam,/ num haec consuetudo adhuc vigeret, tandem de-/prehensus fuit simplex adolescens, cui hoc à nu-/gatoribus persuasum fuerat./

Pag. 293. Ut haec Indorum inconstantia, et/ à missione abeundi pruritus manifestius cognosca-/tur, addo haec: obambulanti mihi aliquando/ obviam factus Indus dixit se capere non posse,/ quomodo ego integra hebdomade domi continere/ me possem, se etsi quotidie venationis, aut alio-/rum negotiorum causa è pago exeat, requiescere/ tamen non posse, nisi unum aut alterum quot/ annis iter longinquum conficiat. Alter narratis//

[Página 285]

mihi longissimis suis peregrinationibus addebat,/ se tum demum in pace moriturum, postquam/ Europam vidisset. Et non dubito, quin plures/ itineris socios habiturus fuisset, si pedites huc per-/venire potuissent. Sunt,

qui ad exigendum debitum trium v. g. Crucigerorum instituant iter 100,/ et amplius leucarum, nec valent rationes ullae/ ad talem stultitiam illis dissuadendam./

Pag. 295. Similem potum etiam Brasilis esse/ notum arbitror, sed sub diverso nomine, cujus/ non amplius meminimus: nam similes ejus affectus/ aliquoties narrari audivimus./

Pag. 298. Quaerunt v. g. quo nomine voce-/tur uxor S. Michaëlis Archangeli? An spiritus/ sanctus sit columba? etc.

Pag. 541. Tatú sunt duae species: una Tatú/ *péba*, sive plana dicta à Brasilis, est edulis; al-/tera Tatú *bòlla* vocata à Lusitanis, quia in mo-/dum globi se contrahit, quam figuram, etsi pede/ protrudatur, aut manu projiciatur, non deserit;/ ejus caro est ad vescendum inepta.//

[Página 286]

Pag. 550. Habent Jacarè (an omnes, nescio)/ in capite, ut puto, duos globulos albos rotundos/ magnitudine instar nucis majoris, et fragrantissi-/mos, quos e quodam mihi in itinere occurrente,/ et 10 circiter palmos longo ab Indis meis comi-/tibus occiso extrahi feci; sed ob nimiam activi-/tatem eorum fragrantiam diu sustinere non potui./ Miratus fui ejus partes post 12 horas adhuc ita/ saltitare, ac si eodem momento sectae fuisset.//

